

Crónica de onomástica paleo-hispânica (31)

António Marques de Faria* | afaria@dgpc.pt

*Direção-Geral do Património Cultural

O autor escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1945

Resumo

Esta nova crónica destina-se em grande medida a complementar bibliograficamente alguns dos recentes estudos que, de um modo mais ou menos aprofundado, versam sobre a antroponímia ibérica. Também tentamos explorar caminhos já abertos anteriormente, no sentido de sustentar a inclusão de determinados NNP, até agora considerados ibéricos ou turdetanos, na antroponímia céltica continental ou genericamente indo-europeia.

Abstract

This paper intends mainly to add literature to some of the recent studies that deal with Iberian personal names in a more or less profound way. We also tried to explore previous paths in order to include certain personal names, until now considered Iberian or Turdetanian, in continental Celtic or generically Indo-European anthroponymy.

aPešTarioř. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almeria). *MLH III 2 H.1.1*; Ferrer, 2021a, p. 81.

Na proposta de transliteração do NP aqui lematizado, cuja principal novidade consiste em ler o primeiro grafema como <a> (Ferrer, 2018a, *passim*), partimos de dois pressupostos:

1. Ao invés do que sustentava De Hoz (1976, p. 266), assumindo uma postura que reverteu num trabalho publicado postumamente (De Hoz, 2021, p. 55), o sistema de escrita meridional não era “único y coherente”, circunstância que, além de confirmar as nossas suspeitas iniciais (Faria, 1990–1991, pp. 79–80), torna legítimo o reequacionamento dos valores fonéticos a atribuir a determinados signos dentro de um mesmo documento.

2. O chumbo de Gádor está redigido em ibero, ou, não o estando, configura um documento contabilístico turdetano — correspondente *grosso modo* ao autêntico âmbito geográfico tal como foi identificado por Moret (2011, pp. 239–240; 2017, p. 123; 2018, pp. 19, 21) para esta etnia — que, além de cifras e respectivas unidades de medida, veicula exclusivamente NNP ibéricos.

abeš, o primeiro formante deste NP, relaciona-se de algum modo com *beš* (Faria, 1995a, pp. 327, 328; 1998a, p. 234; 1999, p. 154; 2000a, p. 126; 2001a, p. 98; 2002a, p. 129; 2003a, p. 216; 2003b, p. 316; 2004a, p. 295; 2008a [2009a], p. 76), conforme o modelo *baš/abaš* (Faria, 1991a, p. 189; 1994a, p. 39, n.º 52; 1995b, pp. 80, 83; 1996, p. 153; 2004a, pp. 277–278, 301; 2010 [2011], p. 91; 2011 [2012], p. 149).

Vários são os NNP que testemunham o segmento *tar* (*MLH III 1*, p. 233; Faria, 2011 [2012], p. 175), entre os quais se inclui **Taraion** (Ferrer, 2005 [2006], p. 964) (a segmentar em **Tar-aion**), figurando *ioř* em ESCERIOR (Simón, 2020, p. 130, n.º 64) — um NP que Ferrer (2021b, p. 83) julga estar documentado no Bronze de Ascoli (*CIL I² 709*) — e, seguramente com outro signo de vibrante, em **tarbelior** (Faria, 1994b, p. 67; 1997, p. 106; 2000a, p. 122; 2003a, p. 215; 2006, p. 116; 2008a [2009a], p. 64; 2010 [2011], p. 99; 2011 [2012], p. 175; 2016 [2017], p. 117).

Importa contemplar a possibilidade de o NP em questão se restringir a **PešTarioř**, havendo que classificar *a* como morfema (sufixo?: *MLH V 2*, p. 409) de significado e função desconhecidos (*MLH III 1*, p. 157). Além de figurar nos exemplos fornecidos por Untermann (*MLH III 1*, p. 157), este morfema parece ocorrer em **selgitar # a # salgidei** (B.7.34; *MLH V 2*, p. 409), **lorsur # a # betiga** (B.7.35), **urCar # a # iluř** (F.21.1) e **JuTir # a # iTir** (Ferrer, 2021a, p. 81). Haverá eventualmente que adicionar a estes testemunhos as sequências presentes no texto em apreço: **oCoPilos # a # PešTarioř** (3x) e **PašTiPilos # a # PešTarioř**.

Independentemente de \leq ser o primeiro ou o segundo signo do NP em questão, nenhuma dúvida pode subsistir quanto ao facto de nos caber a prioridade na sua transliteração como <be>/<Pe> (Faria, 1990–1991, pp. 76, 78; 1995a, p. 328; 1998a, pp. 234, 235; 2000a, p. 140; 2004a, p. 292; 2006, p. 121; 2008b [2009b], p. 153; 2020a, pp. 57–58).

Mal andou, por conseguinte, Ferrer (2021a, pp. 77, 79) ao ocultar o nome de quem o precedeu na atribuição ao silabograma \leq do valor fonético <be>/<Pe>, contando esta atitude com a agravante de, há alguns anos, este paleo-hispanista ter considerado a nossa proposta inaceitável (Ferrer (2010 [2011], p. 73).

aCinir. Placa de chumbo. La Punta de Orleyl (Vall de Uxó, Castellón). *MLH III 2 F.9.7*.

Gimeno & Velaza (2021, p. 207) não possuem qualquer legitimidade moral para se fazerem passar por autores da identificação do NP ibérico **aCinir**, segmentável em **aCin-ir** (Faria, 1991a, p. 189; 1994b, pp. 66, 70; 1998a, p. 235; 2004a, p. 302).

aiunoórdin. Placa de chumbo. El Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). Benages, 1990, pp. 41–43.

Ferrer (2021b, p. 66) não possui qualquer legitimidade moral para reivindicar a autoria da identificação do NP ibérico **aiunoórdin**, segmentável em **aiun-oórdin** (Faria, 1992–1993, p. 277; 1994b, p. 68; 2008b [2009b], p. 146; 2010 [2011], p. 91).

PanTui. Estela funerária de arenito. **Baitolo/Baetulo* (Badalona, Barcelona). Comas, Padrós & Velaza, 2001, pp. 297–298.

Ferrer, Moncunill & Velaza (2020, p. 81, n. 16) acreditam que o NP em questão figura em escrita dual, o que os leva a transliterá-lo como **bantuin**, seguido da posposição pronominal **íni**. Do nosso ponto de vista, porém, é preferível admitir que o <n> corresponda a um sufixo (Comas, Padrós & Velaza, 2001, p. 297), constituindo **PanTui** a transliteração correcta do NP ibérico **Bandui*, a segmentar em *ban-dui* (Faria, 2003a, p. 226). Esta nossa interpretação diverge da que foi formulada na *editio princeps* (Comas, Padrós & Velaza, 2001, p. 297), pelo facto de nesta se sustentar a ocorrência do NP **Bantui* em detrimento de **Bandui*.

Não menos verosímil, a nosso ver, é a identificação de um NP celta, **Manduios* (Faria, 2011–2012, p. 153; 2015, p. 128). Em abono de uma tal exegese podemos aduzir MANDVI (gen.), um NP atestado em EDCS-56000155.

bansoór. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, p. 83.

Ferrer, Moncunill & Velaza (2020, p. 81, n. 16) não possuem qualquer legitimidade moral para reivindicarem a autoria da identificação do elemento onomástico ibérico *ban* (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79; 1991a, p. 190; 1992, p. 195; 1994b, pp. 66, 70; 1995b, p. 326; 2000a, p. 130; 2004a, p. 278), uma autoria que, curiosamente, nos foi em tempos atribuída por Velaza (Comas, Padrós & Velaza, 2001 [2002], p. 297): “[e]l primero en sospechar la existencia de un elemento antroponímico **ban** fue Faria (...)”.

Do mesmo modo, Ferrer, Moncunill & Velaza (2020, p. 81, n. 16) não possuem qualquer legitimidade moral para reivindicarem a autoria da interpretação de **bansoór** como NP ibérico (Faria, 1990–1991, p. 83; 1991a, p. 190; 1992, p. 195; 1994b, pp. 66, 70; 1995a, p. 326; 1997, p. 107; 2004a, p. 292; 2007b, p. 213).

PasiPeś. Placa de chumbo. La Serreta de Alcoy (Valência). *MLH* III 2 G.1.5.

Untermann (*MLH* III 1, p. 214) optou por segmentar o NP em apreço como **Pas-iPeś**, no que foi acriticamente seguido por Rodríguez (2002 [2003], pp. 257, 261; 2014, pp. 124, 125). Resulta desta observação que nem Untermann nem Rodríguez jamais contemplaram a existência segmento antroponímico ibérico *basí*. Qual não foi, por conseguinte, o nosso espanto ao constatarmos que Ferrer (2021c, p. 101) decidiu outorgar precisamente a Untermann (*MLH* III 1, p. 231, n.º 102) e a Rodríguez (2014, p. 190, n.º 120) a primazia na individualização do segmento antroponímico ibérico *basí*.

Apesar de se tratar sempre de uma tarefa ingrata, cumpre-nos desmontar sem hesitações esta falácia tão tropegamente promovida por Ferrer (2021c, p. 101), devendo ser reconhecida a outros a identificação de *basí* enquanto componente antroponímico ibérico (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; 1994a, pp. 273, n. 25, 275, n. 31; 2001, p. 315; Silgo, 1994, p. 69; Faria, 1998a, p. 234; 1999, p. 154; 2000b, p. 62; 2001a, pp. 97–98; 2003a, pp. 215–216; 2004a, p. 295; 2019, p. 57).

Sem colocar em causa o seu pioneirismo, não podemos, no entanto, deixar de assinalar que Correa (1994a, p. 283), ao invés de Silgo, não hesitou em reconhecer a — do nosso ponto de vista, muito duvidosa (Faria, 1998a, p. 234; 1999, p. 154; 2000b, p. 62; 2001a, pp. 97–98; 2003a, pp. 215–216;

2004a, p. 295; 2019, p. 57) — existência do infixo *-i-* em NNP ibéricos. Contudo, tanto quanto sabemos, Correa nunca chegou a fornecer um só exemplo demonstrativo de tal processo morfológico no idioma em questão. Seja como for, além de o isolar em **PasiPalCaí** (F.14.1) (Correa, 1992, p. 266, n. 49), Correa individualizou o segmento *basí* num NP que nunca deixou de ler de um modo desacertado: Βασιγγερος (Correa, 1992, p. 266), ΒΑΣΙΓΓΕΡΡΟΣ (Correa, 1994a, p. 273, n. 25; 1994b, p. 341) e φασιγγερος (Correa, 2001, p. 315).

É curioso notar que Rodríguez (2014, p. 125) chegou a creditar-nos indevidamente a individualização do elemento *basí*, mas fê-lo mencionando somente o nosso apelido (nenhum trabalho é citado), não fosse dar-se o caso de, na eventualidade de providenciar uma citação completa — como, aliás, mandam as regras mais básicas da ética científica —, ser acusado de respeitar as normas de redacção em vigor na revista que lhe publicou o original: < https://webs.ucm.es/info/arqueoweb/Documentos/Indicaciones_autores/Normas_autores_AW.pdf >.

PeCose. Dracmas. **Begose* > **Egose* > *Egosa* (localização desconhecida). CNH 52:102; ACIP 429; CNH 52:103 = ACIP 430.

É nossa convicção que **Begose* terá sido o NL antecessor de *Egosa*, cuja única atestação ocorre em Ptolemeu (*Geogr.* 2.6.70). A confirmar-se esta nossa hipótese, que manifestamos com as devidas ressalvas, estaríamos perante mais um exemplo de aférese da oclusiva labial sonora, um metaplasmo há muito identificado no (paleo)basco e, em anos mais recentes, também no ibero (Uhlenbeck, 1910, p. 92; Gavel, 1921, pp. 329–330; Michelena, 1977², pp. 253 e n. 48, 531–532; 1972, p. 25; Mariner, 1972, p. 295; Gorrochategui, 1984, p. 187; Quintanilla, 1998, pp. 269–270; Belasko, 1999², p. 85; Faria, 2002a, pp. 124, 138; 2003a, pp. 218–219; 2017, pp. 84–85; Ferrer, 2006 [2008], p. 152 e n. 79; 2007 [2008], p. 69, n. 44; 2018b, p. 247; Pérez Orozco, 2007, pp. 104, 114; Oribe, 2011 [2013], p. 338; Yarza, 2015, p. 351; Rodríguez, 2018, pp. 193–198).

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & *alii*, 2007 [2008], *passim*.

Muito embora não seja a nossa análise favorita, a verdade é que nos cabe a prioridade na segmentação do presente ND em **bete-atun* (Faria, 2008a [2009a], p. 67). Tal facto foi completamente ignorado por Ferrer, nos últimos anos, em cinco ocasiões distintas (Ferrer, 2018c, p. 112; 2019, p. 44; 2021d, pp. 202, 204; Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 182; Ferrer & Sinner, 2019, p. 155).

bedule. Vaso de cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.33.

Tal como advertiu Correa (1993, p. 108 e n. 23), no que foi seguido por Luján (2003, p. 225), a analogia entre este NP e *Betullus*, aventada por Untermann (*MLH* II, p. 112), deve ser descartada com segurança, atendendo à natureza sonora da oclusiva dental presente no NP aqui tratado. Não obstante, Simón (2021, p. 315) persistiu em adoptar a posição errónea assumida por Untermann.

É possível que estejamos perante uma forma iberizada de *Pedullus* (*MLH* II, p. 112; Correa, 1992, p. 269; 1993, p. 108; Luján, 2003, p. 225), mas nada impede que tenha sido **Medul(l)us* < **Medul(l)os* o NP céltico subjacente a **bedule**, uma hipótese que Simón (2021, p. 315) nem sequer chegou a contemplar.

BE|SVNIS (*uel* BE|SVNIS) (gen.). Estela de arenito vermelho. Alcaraz (Albacete). Abascal, 2013, pp. 18–19.

Das duas vezes em que nos debruçámos sobre o presente NP (Faria, 2014, pp. 169–170; 2021, p. 85), alicerçámos a defesa da lição BE|SVNIS, em alternativa a BE|SVNIS, na circunstância de o filho

do portador deste nome se chamar NIGRINVS. Considerámos que este idiónimo poderia configurar a tradução latina do NP *Belsu* / *Belśu* (Untermann, 1996, p. 131) < **bel·(s)u* / **bels·(s)u* / **bel·śu* / **bel(s)·śu*. Em ambas as ocasiões, era nossa obrigação citar quem, antes de nós, havia contemplado a hipótese de um outro testemunho do NL NIGRINVS consistir numa «traducción del euskérico “beltz, baltz”» (Martínez & González, 1998, p. 492).

Toda a bibliografia pertinente foi obliterada por Aznar (2017, p. 127), ainda que, noutro passo da mesma obra, este autor (Aznar, 2017, pp. 470, 544, n. 1285) tenha decidido repristinar parte de bibliografia sobre o assunto (Martínez & González, 1998, p. 492), ao ter asseverado, algo temerariamente, que NIGRINVS não pode recobrir senão um único NP: BELSCO.

PeleśaCin. Placa de chumbo. La Punta de Orleyl (Vall de Uxó, Castellón). *MLH* III 2 F.9.7.

Gimeno & Velaza (2021, p. 208) não possuem qualquer legitimidade moral para reivindicarem a autoria da identificação do NP ibérico **PeleśaCin**, composto por *beleś* e por *agin* (Faria, 1994b, p. 67; 1998a, p. 235; 2004a, p. 296).

PerPai. Tésseira de chumbo. Camp de les Lloses (Barcelona). Panosa, 2001, pp. 530–531.

Ferrer (2021 [2022], p. 88) não possui qualquer legitimidade moral para reivindicar a autoria da identificação do NP ibérico **PerPai** (**Berbai*), composto por *ber* e por *bai* (Faria, 2002a, p. 125; 2003b, p. 318; 2004a, p. 304; 2011 [2012], p. 150).

BINSNES. Bloco de calcário negro. **Sabe* (La Rambla, Córdova). Lacort & *alii*, 1986, pp. 70, 73.

Os primeiros editores contemplaram a hipótese de o NP em questão pertencer ao ibero, encarando-o como uma deformação de **Bennesnes* (Lacort & *alii*, 1986, p. 73). Sem nunca colocarmos em causa a inserção de BINSNES na onomástica ibérica (Faria, 1991a, pp. 190, 194, 1994b, p. 67, 2005b, p. 167; 2011 [2012], p. 160; 2017, p. 91), sempre defendemos para o mesmo uma segmentação em **bins·nes*/**binś·nes*. No entanto, o cotejo com o NF **PiniśCum** (Untermann, 1996, p. 133; 1994–1995 [1997], p. 139) leva-nos a encarar BINSNES como forma sincopada de **Binisnes*/**Biniśnes*. Importa referir que Untermann (1994–1995 [1997], p. 139), sem prescindir de outras hipóteses, sugeriu que o NF **PiniśCum**, apesar de surgir associado a NP célticos no Terceiro Bronze de Botorrita, terá possuído uma origem ibérica. Num trabalho prévio, porém, Untermann limitou-se a fazer derivar **PiniśCum** de um NP céltico, **Binos* (Untermann, 1996, p. 133), que parece contar com diversos testemunhos adaptados à morfologia latina (Delamarre, 2019, p. 127); não obstante, todos eles foram omitidos pelo linguista alemão.

BVGANSONIS (gen.). Estela de calcário. Villartoso (Sória). Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 168.

Tanto quanto sabemos, foi Prósper (2019, p. 161), que identificou BVGANSONIS (gen.) como um só NP em detrimento de BVGAN SONI[S] F(*ilius*) (Alfaro, 2018, p. 66). Gómez-Pantoja (2019, p. 149) preferiu individualizar um nom. (parissilábico) *Bugansonis*, mas não cremos que haja razão para semelhante interpretação.

Cremos que *bugan*, o radical deste idiónimo que aqui surge sufixado por *-so*, deverá ser interpretado como o étimo do basco *muga* < *mugan* ‘limite, fronteira, termo’ (Agud & Tovar, 1994, p. 938).

Talvez haja que fazer remontar *bugan* a **burgan*, vocábulo que, a ser analisado como **bur·gan*, poderia ter possuído no início o significado de ‘cabeço alto’, um elemento da paisagem que, num segundo momento, seria alvo de uma reinterpretação semântica, vindo a expressar o conceito de ‘limite orográfico’.

Neste sentido, importa ter presente que *muga* apresenta *murga* como variante (Lhande, 1926, p. 751; Sarkisian, 1998, p. 413).

Esta nossa interpretação segue em grande parte a posição assumida por Sarkisian (1998, pp. 412–413) a propósito da mesma matéria. A única divergência que mantemos com este investigador reside na circunstância de, atento o testemunho aqui comentado, preferirmos **burgan* como protoforma, em detrimento de **burugain* (Sarkisian, 1998, p. 413).

Não conhecemos muitos paralelos para o significado de **Buganso* noutros idiomas de uso coetâneo. É possível que este NP, em ambientes latinos, fosse recoberto por *Montanus* (Kajanto, 1965, p. 309) como *Deckname*, no caso vertente como nome de tradução, ficando por entender o que levou Delamarre (2007, p. 136) a incluir este e outros NNP derivados de *mons* na antroponímia céltica.

Importa ainda recordar que Pérez Orozco (2009 [2010], p. 35) traduz a legenda monetária **seTeisCen**, por “los fronterizos”, individualizando na mesma o lexema basco *zede* ‘limite fronteira’. Independentemente da justeza de uma tal tradução, este investigador parece ter-se esquecido de que **seTeisCen** configura, com grande probabilidade, um gen. pl.

Curiosamente, constituindo **Buganso* o patrónimo de *Udanus*, valerá a pena assinalar que, entre as várias acepções de *muga*, conta-se a de “tempo” e, especificamente, a de ‘estação do ano’ (Lhande, 1926, p. 745), não sendo provavelmente fruto do acaso a existência do composto *udamuga* ‘solstício de Verão’ (Lhande, 1926, p. 997).

Uma interpretação diversa da nossa foi formulada por Prósper, que, além de ter atribuído a “Artoso” o epitáfio onde se documenta BVGANSONIS (gen.), veio defender a inclusão do dito NP na antroponímia celtibérica (Prósper, 2019, p. 161).

catuísar. Fragmento de asa de cratera campaniense. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH II B.1.20*.

Bénezet & Moncunill (2021, p. 56) fizeram-se implicitamente eco de uma determinada interpretação acerca do presente NP, de provável matriz céltica. Assim, **catuísar** deveria segmentar-se em **catuís(e)-ar* (Correa, 1993, p. 107), resultando de uma tal análise a individualização do NP **Catusso(s)* (Untermann, 1969, p. 109; *MLH II*, p. 101).

Acreditamos, no entanto, que, num trabalho omitido por Bénézet & Moncunill (2021, p. 56), deixámos demonstrada a inverosimilhança de semelhante exegese (Faria, 2015, pp. 126–127).

Sempre no âmbito da onomástica céltica, julgamos ser mais plausível a identificação, em **catuísar**, do NP **Catussa* (De Hoz, 2003, p. 89; 2011, p. 245; Faria, 2012, p. 104; 2013, p. 192; 2015, p. 127) ou **Catu(u)ix* (Faria, 2012, p. 104; 2013, p. 192; pp. 127, 128). Como paralelo para **Catu(u)ix* poderemos aduzir ΚΑΥΤΙΛΞ < **Canto-ux* (Delamarre, 2007, p. 56; 2019, p. 184), com assimilação da vogal final do primeiro segmento à semivogal /y/, com que principia *ux*.

Vimos igualmente noutras oportunidades — também ignoradas por Bénézet & Moncunill (2021, p. 56) — que não pode ser excluída a hipótese de **catuísar** consistir num NP completo, ibérico (Faria, 1995b, pp. 82–83; 2003a, p. 223; 2004b, pp. 178–179; 2005a, p. 286; 2007b, p. 221), céltico (Faria, 2012, p. 104; 2013, p. 192) ou híbrido. Seja como for, mesmo que, muito improvavelmente, nos confrontemos com um NP ibérico, a segmentação de **catuísar** em **catu-i-sar** não passa de um capricho de Rodríguez (2002 [2003], pp. 263, 268; 2002–2003 [2005], pp. 251–255; 2014, pp. 165, 197) (Faria, 2004b, p. 179; 2015, pp. 127, 128).

GAISCO. Inscrição rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées-Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 180.

Se a aproximação de *gais* ao segmento final de **PilosPalCarCais** (E.1.372) se afigura de grande pertinência (Michelena, 1958, p. 43 e n. 23; Orduña, 2005, p. 337), não podem restar quaisquer dúvidas de que o paralelo perfeito para *Gaisco* reside obviamente em *Gaizco*, cuja primeira atestação, neste caso como sobrenome, figura, através da forma *Gaizcho*, em documento datado de 1068, pertencente ao Becerro Antigo de Leire (Michelena, 1997⁵, p. 91; Ciérbide, 1996, p. 125; Orpustan, 1999, p. 319).

Se é bem certo que a identificação entre ambos os NNP, aqui mais uma vez posta em evidência, não foi alvo de uma só linha por parte de Ferrer, Velaza & Olesti (2018, p. 180), convém referir que esta postura foi corrigida mais tarde por um dos autores (Ferrer, 2021 [2022], p. 93).

Orduña (2021a, pp. 471, 486, 488), em contrapartida, estabeleceu uma tal ligação, mas, divergindo de Ferrer (2021 [2022], p. 93), não conseguiu resistir à tentação de obliterar o nome de quem o precedeu na descoberta desse vínculo em quase um ano (Faria, 2019, p. 59).

Importa assinalar que voltámos a abordar este tema no volume anterior desta mesma revista (Faria, 2021, pp. 86–87).

Caraniś/garaniś. Fragmento de base de cerâmica ática. El Vilar (Valls, Alt Camp, Tarragona). Panosa, 2015, p. 32.

Tal como constatámos em mais do que uma ocasião (Faria, 2016, pp. 159–160; 2017, p. 85; 2020a, p. 55), estamos, muito provavelmente, na presença de um NP céltico — **Caraniś/*Caranissa/*Garaniś/*Garanissa/*Graniś/*Granniś/*Graniśa/*Granniśa* —, pelo que não podemos de modo nenhum seguir quem tem vindo a sustentar a integração do NP em apreço na onomástica ibérica, preceituando a segmentação do mesmo em **gara-niś** ou em **gara-niśar** (Panosa, 2015, p. 32; Velaza, 2016, p. 352; *MLH V 2*, p. 276).

Esta mesma teoria, cujas fragilidades são por demais evidentes, foi acriticamente acolhida *ad HEp* 2014–2015 [2021], 636.

CaresTar. Placa de chumbo. La Punta d’Orleyl (Vall d’Uixó, Castellón). *MLH III 2 F.9.7*.

Importa deixar bem claro que Ferrer (2021b, pp. 66–67) não possui qualquer legitimidade para envolver Rodríguez na identificação do elemento onomástico *cares/gares* em **CaresTar**, assim como em vários outros NNP (Pérez Vilatela, 1992, p. 355; Faria, 1991a, p. 190; 1992, p. 195; 1994b, pp. 67, 70; 1997, p. 107; 1998c, p. 271; 2004a, pp. 284–286; 2008b [2009b], pp. 148–149; 2012, pp. 87–88).

Trata-se de uma associação espúria, cuja explicação só pode residir no papel preponderante que Ferrer vem reconhecendo à solidariedade nacional em prejuízo do rigor científico.

CASTLOSAIC. Placa de calcário. **cañtulo/Castulo** (Cazlona, Linares-Lupión-Torreblascopedro, Jaén). *MLH III 2 H.6.1*.

Muitas foram as vezes em que nos debruçámos sobre este gentílico (Hübner (1862, p. 33), dando devida nota das diferentes perspectivas sobre o mesmo (Faria, 1991, p. 189; 2009 [2010], pp. 160–161; 2011 [2012], p. 159; 2014, p. 171).

Cumpramos nesta ocasião, tão-somente, recuperar uma interpretação que talvez tenha sido por nós rejeitada um tanto apressadamente. Admitindo o acerto da segmentação CASTLO-S-AIC aventada por Pérez Orozco (1993a, pp. 225–226), fundados nos cada vez mais numerosos testemunhos onomásticos da presença céltica em todo o curso do *Baetis*, julgamos agora bastante razoável interpretar *-aic* como

abreviação do sufixo indo-europeu (celta) *-aikos/ -m* (Tovar, 1989, pp. 27, 175; Pérez Orozco, 2009 [2010], p. 36). Cremos que o melhor *comparandum* para este sufixo reside em *Pac(c)jaecus*, *cognomen* que foi criado em território hoje andaluz, presumivelmente em *Carteia* (Caballos, 1989, p. 249; Hernández, 1998, p. 174; Stannard, Sinner & Ferrante, 2019, p. 158). Tal conexão decorre, segundo Caballos, 1989, p. 249), da presença na numária carteiense de «diversos magistrados con el gentilicio “*Vibius*”». Esta é uma asserção que não se confirma — a supracitada ceca só documenta um *Vibius*, sucessivamente edil e quadrúviro (Faria, 1994a, p. 56, n.º 397) —, ainda que tal circunstância não coloque em causa a provável ligação entre *Vibius Pac(c)jaecus* e *Carteia*. Dificilmente se compreenderia que o sufixo *-aikos/ -m* não entrasse na formação do *cognomen* em causa se o mesmo não fosse de uso comum naquela região. É possível que o *cognomen Pac(c)jaecus* tenha sido criado a partir de um **praedium Pac(c)jaecum*, propriedade de um ramo dos *Vibii* (Hernández, 1998, pp. 173–174), conquanto não existam quaisquer provas de que assim tenha acontecido.

girúdo. Pátera de prata. Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). *MLH* III 2 C.21.1.

Não podemos permitir que Orduña (2021a, p. 477) se faça passar por autor quer da identificação do NP **girúdo**, quer da respectiva segmentação em **girú-do** (Faria, 1994a, p. 67; 1997, p. 107; 1998a, p. 236; 2004a, p. 306; 2010 [2011], p. 95).

Γολο[-]βυρ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

É preocupante constatar que Velaza (2021, p. 55) continua a veicular a leitura Γολοβυρ em vez de Γολο[-]βυρ, um NP ibérico que, com grande probabilidade, deverá ser restituído como Γολο[v]βυρ (Faria, 1991a, p. 192; 1994a, p. 45, n.º 175; 1995b, p. 82; 1998a, p. 239; 2000a, pp. 131, 132; 2001a, pp. 99–100; 2001b, p. 209; 2007a, p. 174).

CoPešíř. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164–165.

Vemo-nos de novo na obrigação de assinalar que tanto a transliteração como a subsequente interpretação de **CoPešíř** como NP são da nossa autoria (Faria, 1997, p. 107; 2000a, pp. 122–123; 2003a, p. 215; 2004a, p. 305; 2004b, pp. 180–181; 2006a, p. 116; 2007a, p. 167; 2011 [2012], p. 163; 2012, p. 95; 2019, pp. 57–58; 2016 [2017], p. 121), não podendo, pois, ser reivindicadas por Ferrer (2021d, pp. 199, 206). E o mesmo se diga, de resto, da transliteração de um outro NP constante da mesma inscrição, designadamente **Caresi[ř’]** (Faria, 1997, p. 107; 2004a, p. 285; 2011 [2012], p. 163; 2016 [2017], p. 120). Esta cada vez mais expectável tentativa de usurpação surge ao arrepio da postura outrora assumida por Ferrer (2010 [2011], p. 100) acerca do mesmo assunto. Trata-se da confirmação de uma declinante trajetória deontológica, denunciada por nós nos últimos anos (também noutras páginas deste mesmo artigo), que não podemos deixar de lamentar.

TANNIBER. Marca em lingote de chumbo. Naufrágio Cabrera 5 (Cabrera, Baleares). Simón, 2015, *passim*.

Escapa completamente à nossa compreensão que, na memória descritiva redigida em *HEp* 2014–2015 [2021] (p. 72) a propósito do presente NP, seja outorgada a Simón (2015) a autoria da segmentação do presente NP em TANN-IBER, cabendo ao autor destas linhas a prioridade numa tal análise (Faria, 2016, p. 164), que é também contemplada por Velaza (2016, p. 358), ainda que fazendo uso de um menor número de argumentos. Em *HEp* 2014–2015 [2021] (p. 72), nada se diz sobre o assunto, mas o elemento *iber* já

tinha sido individualizado há várias décadas na onomástica ibérica, designadamente no NP **iañiPer** (Pérez Rojas, 1983, p. 279; Faria, 1990–1991, p. 85; 2002a, p. 128; 2008a [2009a], p. 77; 2014, p. 174; 2018a, p. 103; 2021, p. 88; Pérez Vilatela, 1993, p. 40).

TarTiCeleś. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilà, 1996, p. 296.

Nada temos a acrescentar ao que consignámos noutras ocasiões sobre o presente NP (Faria, 1997, p. 110; 1999, p. 159; 2002a, pp. 123, 125; 2003b, p. 328; 2004a, p. 300; 2007b, pp. 179–180; 2007b, p. 227; 2008a [2009a], pp. 59, 63–64; 2008b [2009b], p. 152; 2010 [2011], p. 99; 2012, p. 103; 2013, p. 204). Pretendemos tão-somente corrigir a transliteração fornecida por Estarán (2021, p. 279, n. 39) — **TarTiPelesé** —, autora que, além do mais, omite os diversos paralelos por nós aduzidos em diversas ocasiões para **TarTiCeleś**.

É descoroçoante constatar a facilidade com que se forjam transliterações que a primeira edição do grafito está longe de legitimar; vejam-se, por exemplo, as duas invenções perpetradas por Ferrer (2012, p. 148): **TauTiCeleś** e **TauTiPelesé**.

A menos que se prove através da publicação de uma fotografia (o que ainda não foi feito) que a leitura de Vilà está errada, não nos parece que haja alguma razão válida para duvidar da fidedignidade do desenho do grafito *post cocturam* reproduzido por aquela autora (Vilà, 1996, p. 296, fig. 1). Em contrapartida, vale a pena frisar que Vilà (1996, pp. 297–298) isolou **rTiCeleś** (*sic*) como NP indígena, visto acreditar que a distância entre o primeiro e o segundo grafemas, por ela considerada excessiva, impedia que ambos pertencessem à mesma palavra.

Tão-pouco Moncunill & Velaza (*MLHV 2*, p. 212) conseguiram resistir à tentação de, ao privilegiarem a transliteração **TauTiCeleś** em detrimento de **TarTiCeleś**, adoptarem aquela leitura com o único propósito de identificarem no mesmo NP dois segmentos onomásticos ibéricos anteriormente conhecidos.

O NP ibérico de que aqui nos ocupamos deve ser naturalmente segmentado em **TarTi-Celeś** (Faria, 1997, p. 110; 1999, p. 159; 2002a, pp. 123, 125; 2004a, p. 300; 2007b, p. 227; 2008a [2009a], p. 59; 2010 [2011], p. 99).

TOLOCO. Placa de calcário. *Noua Carthago* (Cartagena, Múrcia). *EDCS-05502833*.

Além de figurar no epitáfio acima mencionado, TOLOCO ocorre em mais duas inscrições latinas *EDCS-08701409*; *EDCS-45100139*), Não obstante caber-nos a prioridade na atribuição deste NP (segmentável em *tolo-co*) à onomástica ibérica (Faria, 1994a, p. 49; 1995a, p. 326; 1995b, p. 83; 1997, p. 111; 2000a, p. 133; 2002a, pp. 129, 135; 2003a, pp. 222–223; 2003b, pp. 313–314; 2004a, p. 310; 2008b [2009b], p. 147; 2011 [2012], p. 175; 2013, p. 204; 2015, p. 138; 2016, p. 163), vários têm sido os autores que não têm hesitado em reivindicar a autoria de uma tal descoberta, ocultando deliberadamente aquele facto (Ferrer, 2005 [2006], p. 959, n. 6; 2021b, p. 81; Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260; Rodríguez, 2014, pp. 170–171; Velaza, 2015, p. 291; Moncunill, 2019, pp. 146, 147, 151, 154; 2020, pp. 177, 179, 186; 2021, p. 448; Ferrer & Sinner, 2019, p. 153).

Convirá ter presente que Untermann só se apercebeu de que TOLOCO consistia num NP ibérico na sequência do aparecimento de **ToloCu** no Terceiro Bronze de Botorrita (Untermann, 1996, p. 160; 1994–1995 [1997], p. 140).

Ao ter citado este último artigo como “Untermann, 1994–1995, p. 149 [*sic*]”, Simón (2020, p. 154, n.º 111) omitiu o ano de impressão — 1997 — do número da revista (28–29) em que aquele foi publicado. Sublinhe-se que o dito artigo insere na respectiva bibliografia o supracitado trabalho de Untermann saído em 1996 (Untermann, 1996, pp. 109–166). Com esta conduta, Simón prestou informações inexactas,

enganando assim os seus leitores menos atentos, que foram levados a pensar ter sido Untermann o primeiro investigador a atribuir uma origem ibérica a TOLOCO.

toraibeleś. Lâmina de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). Ferrer & *alii*, 2021, p. 105.

Não havendo nada a referir acerca de *beleś*, o membro final deste NP, colocam-se duas hipóteses acerca da interpretação a dar a *torai*: como segmento antroponímico autónomo ou como combinação de *tor* + *ai*. Seja qual for a exegese adequada, *torai* deve ser cotejado com os outros componentes onomásticos que terminam com o mesmo ditongo: *deśai*, presente em **deśailaur** (Faria, 2008a [2009a], p. 89; 2010 [2011], p. 95), e *śalai*, constante, e.g., de **[ś]alaitiPaś** (Faria, 1995a, p. 328; 2002b, p. 239; 2004a, pp. 290–291; 2007a, p. 179; 2007b, p. 226; 2015, p. 138). Efectivamente, enquanto *deś* deverá corresponder ao radical celta *dexs-/dess-*, *śalai* parece derivar de *śal*, segmento que ocorre no presumível NP **śalcidei** (Faria, 1993, p. 154; 1994b, p. 68).

Ferrer & *alii* (2021, p. 105) admitiram isolar o mesmo morfema posposto aos NNP **aTaPer** (Faria, 1991a, pp. 190, 191; 1994b, p. 66; 1998c, p. 270; 2004a, p. 278; 2007b, p. 211; 2016, p. 158) e **anímPer** (Faria, 1991a, p. 191; 2004a, p. 277; 1998c, p. 270; 2007b, p. 211; 2016, p. 158). Levando, no entanto, em linha de conta a localização do dito morfema, em aposição ao segmento final *ber*, tal hipótese afigura-se-nos pouco provável.

Ελευρας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há quase três décadas que a leitura Βλευρας deve dar lugar a Ελευρας, um NP ibérico que já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbaś**, num grafito cerâmico de *liberris* (Elne) (B.9.1) (Faria, 1994b, p. 69; 1998a, p. 234; 2000a, p. 131; 2000b, p. 63; 2001a, pp. 99–100; 2003b, p. 323; 2004a, p. 292; 2006, p. 118; 2007a, p. 170; 2011 [2012], p. 166; 2020a, p. 60; 2021, p. 88–89).

A precedência nesta descoberta foi-nos devidamente reconhecida por alguns autores, entre os quais se conta Moncunill (2010, p. 75; 2017, p. 12, n. 15).

Lamentavelmente, em nítido contraste com esta postura, Velaza (2021, p. 55) veio mais uma vez tentar apropriar-se da autoria tanto da leitura como da atribuição linguística do NP Ελευρας ao ibero. Enquanto tal se justificar, não deixaremos de denunciar esta e outras vilezas perpetradas por Velaza.

É interessante notar que também Sabaté (2021, p. 239), numa lastimável tese precisamente orientada por Velaza, quis emular este iberista, tentando, sem qualquer pudor, usurpar a nossa perspectiva acerca do NP em causa. De resto, fomos confrontados com esta conduta predatória em numerosas passagens da dita tese (respeitantes a quase todas as inscrições ibéricas), que, por falta de espaço, não serão aqui devidamente expostas.

ENASAGIN. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Gimeno & Velaza (2021, p. 207) não possuem qualquer legitimidade moral para reivindicarem a autoria da segmentação do NP ibérico ENASAGIN em *enas-agin* (Schuchardt, 1909, pp. 242, 244; Faria, 1994b, p. 67; 1998a, p. 235; 2004a, p. 297).

ibuścetin/ipuścetin. Cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.270, .271.

Nunca será demais assinalar que coube a Correa (1992, p. 262) corrigir as transliterações que Untermann (*MLH* II, pp. 237–238) tinha aduzido para esta sequência, na qual identificámos um NP

ibérico bímembre: **ibuś·cetin** (Faria, 1995a, p. 327; 2004a, p. 307; 2004b, p. 182; 2005a, p. 279; 2006, pp. 119–120; 2007a, pp. 170–171; 2011 [2012], p. 148; 2020a, p. 61).

Assim sendo, Ferrer (2021b, p. 82) não possui qualquer legitimidade para associar Rodríguez (2002–2003 [2004], p. 367) à identificação do dito NP.

Trata-se de uma tentativa de envolvimento espúria, cuja explicação só pode residir no papel preponderante que Ferrer vem reconhecendo à solidariedade nacional em prejuízo do rigor científico.

ICSTNIS. Urna de calcário. Torreparedones/Cortijo de las Vírgenes (Castro del Río, Baena/Cañete de las Torres, Córdoba). EDCS-08700430.

Em contraste com a posição por nós adoptada ao longo de mais de uma década acerca de ICSTNIS (Faria, 1991b, p. 17; 1994a, p. 45, n.º 174; 2000a, p. 126; 2002a, p. 130), — quase sempre favorável à sua inclusão numa suposta língua comumente chamada turdetana (ou, de um modo mais prudente, “turdetana”) —, não nos parece agora nada seguro que este intrigante NP possua uma origem paleo-hispânica.

Estamos, contudo, perante um conceito — a língua turdetana — que se define apenas por oposição (“negative evidence”: De Hoz, 2018 [2019], p. 156) a realidades onomásticas bem estabelecidas. É justamente a operatividade de um tal conceito, acolhido acriticamente em diversos trabalhos (v., entre outros, Correa, 2009, pp. 282–285, 287–291; De Hoz, 2016, pp. 212–217; 2018 [2019], pp. 137–157; Herrera, 2019, p. 358; 2021, pp. 121, 127; 128; Vallejo, 2021, p. 173; Ferrer, 2021a, pp. 69–70, 75–77, 80, 88, 90; García Alonso, 2022, pp. 48, 49, 50, 54–61), que decidimos questionar há alguns anos (Faria, 2015, p. 135).

Só por mera convenção é que poderemos chamar turdetano (ou mesmo “turdetano”) a um conjunto de NNP documentados em território hoje andaluz, que, não sendo, decerto, de filiação ibérica, reúnem certas características que permitem, a muitos deles, ser considerados indo-europeus (Villar, 2000, pp. 337–349; *contra*, De Hoz, 2018 [2019], p. 156) e, muito provavelmente, célticos (Faria, 2015, pp. 128–130, Quadro 1).

Aliás, se, algum dia, o corónimo *Turdetania*, derivado do NE *Turdetani*, reflectiu uma realidade étnico-cultural (e, *a fortiori*, linguística) concreta, convirá ter em consideração que o referente geográfico primordial de uma tal entidade se situaria numa região delimitada pelo rio Júcar e pelo Alto Guadalquivir, mais precisamente no *saltus Castulonensis*, entre *Castulo* e *Saetabis* (Moret, 2011, pp. 239–240; 2017, p. 123; 2018, pp. 19, 21; Cruz, 2011, p. 220, n. 25; Blanco, 2021, p. 423). Semelhante localização, estabelecida com base em passagens de Tito Lívio (21.6; 24.42.11; 34.17) e em fragmentos das *Origines*, de Catão, o Velho, pouco tem que ver com o constructo de Estrabão (ou das suas possíveis fontes, Possidónio e Artemidoro), que, *grosso modo*, fazia coincidir a Turdetânia com o médio e baixo vale do *Baetis* (Moret, 2011, pp. 241–243; 2017, pp. 130–137; 2018, pp. 24–26).

Acresce ainda, que, contra a existência do turdetano como glotónimo — tenha sido, ou não, falado na zona central e ocidental da Bética —, milita a possibilidade de o NL *Turta/Turda*, identificativo da capital epónima dos Turdetanos, pertencer à onomástica ibérica (Moret, 2018, p. 21).

É, pois, por demais evidente que a classificação como turdetanos de determinados restos onomásticos de explicação reconhecidamente complexa decorre tão-só da descoberta dos mesmos no território que Estrabão decidiu, de um modo artificial, designar por Turdetânia (Cruz, 2011, pp. 214–222; García Fernández & García Vargas, 2020–2021, pp. 76–77).

As considerações acima expendidas deixam igualmente entrever as fragilidades da individualização *ad hoc* de uma “toponímia tartesoturdetana” (Correa, 2016, pp. 57–59; 2021, pp. 354, 361, 366, 367,

n. 25), um conceito cuja criação conta com a agravante de ser tributária da descrição geográfica de Ptolemeu. Nada indicia, como vimos, que o idioma turdetano (a ter existido) corresponda ao que se falava em Tartesso.

O quadro que aqui deixamos esboçado contrapõe-se naturalmente ao panorama optimista traçado por De Hoz (2010, pp. 320–322) relativo à definição da Turdetânia como entidade étnico-geográfica precisa. Com efeito, este autor tenta operar uma síntese impossível entre as diversas fontes que, ao longo de dois séculos, foram transmitindo informações contrastantes sobre uma realidade histórica que, com os dados actualmente disponíveis, não é passível de ser apreendida (García Fernández, 2012, pp. 714–715).

Incidindo de novo a nossa atenção sobre ICSTNIS, à luz da análise linguística, subscrita por Obrador, De Nicolás & Múrcia (2020, pp. 63–64), do *cognomen* ICESTA (EDCS-05503073), documentado em *Pollentia* (Maiorca), a interpretação daquele como NP paleo-amazigue deve, do nosso ponto de vista, prevalecer sobre qualquer outra adscrição linguística, seja ao ibero (Faria, 1991b, p. 17; 1994a, p. 45, n.º 174; 2002a, p. 130), seja ao turdetano (Faria, 2000a, p. 126; 2002a, p. 130; Beltrán Fortes, 2021, p. 274), um idioma que, conforme vimos *supra*, além de ostentar uma denominação inadequada, é de caracterização imprecisa, pelo que a sua qualificação como não-indo-europeu deve ser colocada cada vez mais *sub iudice*. Tão-pouco a classificação de ICSTNIS como indígena (Padilla, 2006, p. 232) poderá ser considerada satisfatória.

Em resumo, tudo leva a crer que ICESTA e ICSTNIS configurem diferentes latinizações de um mesmo NP paleo-amazigue.

Não é ICSTNIS o único NP norte-africano documentado no “mausoléu dos Pompeios” descoberto em Torreparedones. Além de contarmos com o patrónimo BAHANNONIS (gen.), considerado por Padilla (2006, p. 232) como indígena, não será por casualidade que, no conjunto sepulcral em apreço, se regista o *cognomen* AFER (EDCS-08700441), ficando deste modo comprovado “que la famille à laquelle appartenait le tombeau comptait des Africains parmi ses membres” (Merimée, 1844, p. 180). Convirá, todavia, notar que nem Lefebvre (2006, pp. 108–109) nem Álvarez (2018, p. 191), autores que nada dizem sobre ICSTNIS ou BAHANNONIS (gen.), NNP documentados no mesmo âmbito espaço-temporal, secundam uma associação do *cognomen* AFER, no caso vertente aposto a um *Cn. Pompeius*, com o território norte-africano.

À primeira vista, por comparação com ICESTA, é possível detectar no NP ICSTNIS < **Icestan* um alongamento em *-n-* com a conseqüente adaptação à 3.ª declinação latina, um facto que parece verificar-se não só em IL'DI'RO'NI'S/ILD<I>RON<I>S < **Ildiro* e VELAVNIS < **Uellau(n)*, mas também em 'Pan'gionís < **Mangionis* (Faria, 2018a, p. 92). Se um tal fenómeno, que poderá igualmente ocorrer no problemático TOLOCONIS (EDCS-08701409), não for fruto do acaso (Faria, 2018a, pp. 92–93), o mesmo contribuirá para a delimitação de uma isoglossa própria de um idioma associável ao vale do *Baetis*, independentemente da filiação linguística dos NNP em questão.

Tal como 'Pan'gionís < **Mangionis* (Faria, 2018a, p. 92), também VELAVNIS poderá remontar ao celta — **Uellau(n)* < *uellaunos* (DLG, p. 311; Matasović, 2009, p. 411) —, ainda que não possa ser excluída a hipótese de o mesmo ser inserido na antroponímia ibérica — **Belaun* (a segmentar em *bel·aun*).

ISELAVACE. Estela de calcário. Villartoso (Sória). Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 170.

Num trabalho maculado por erros incompreensíveis (Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 170), este NP surge de(s)composto em três palavras (!): ISE L AVRCE.

Dada a ausência de uma segmentação fiável, não estamos em condições de fornecer uma interpretação minimamente convincente para este NP.

De qualquer modo, convém assinalar que *Ise* guarda algumas semelhanças com HISSI (Faria,

2008a [2009a], p. 75) e com os membros iniciais de **isiPela** (Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 34) e de **Isibra* (*MLH VI*, pp. 461–462), que podem corresponder a um só. Não será, tão-pouco, de excluir que o mesmo formante se possa isolar no ND BEISIRISSE (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 315, n.º 473; Faria, 2007a, p. 162; 2014, p. 169; 2019, p. 55; Silgo, 2009 [2010], p. 140). Quanto a *ce*, além de se testemunhar em HAVRCE (Faria, 2019, p. 68), NP com que principia a presente inscrição, figura em idêntica posição em **lecarce** (Solier, 1979, pp. 83, 84; Faria, 2002a, p. 133; 2015, p. 132; 2019, p. 68). Haverá igualmente que contemplar a eventualidade de ser este mesmo segmento que se atesta em **oToCeilTir** (F.21.1) (Fletcher, 1984, pp. 409, 410; Faria, 2002b, p. 234) e, porventura, noutros NNP: **orCeicelaú** (D.12.1) (Faria, 1994b, p. 65; 2004a, p. 289) e **aParCePioTar** (Faria, 1994b, p. 67; 2000a, p. 121; 2004a, p. 301; 2005a, p. 285; 2010 [2011], p. 89).

Admitindo que ISEL·AVA·CE constitui a segmentação correcta, *isel* encontra os melhores *comparanda* em ISELICI (gen.) (Holder, 1904, col. 78) e ISELLIA (Holder, 1904, col. 78; Delamarre, 2007, p. 112).

Com base nas fotos disponibilizadas em < <https://www.amaata.com/2021/06/indicaciones-para-la-lectura-de-la.html#more> >, parece possível ler-se na linha 6 da mesma inscrição o NP ORIINIARZE (= *Oreniarse*).

liCine. Grafito sobre campaniense B. Plaza de la Virgen (Valência). Bonet & Mata, 1989, p. 142.

É absolutamente assombroso que, passadas mais de duas décadas sobre a publicação do artigo em que Pérez Vilatela e Silgo (Pérez Vilatela, 1992, pp. 352, 354, Fig. 2) corrigiram a transliteração do supracitado grafito alvitada por Bonet & Mata (1989, p. 142) — **liCine** por **ligie** —, tanto Beltrán Lloris (2017, p. 335, n. 43) como Rodríguez (2018, p. 201) venham reivindicar a autoria de uma tal correcção. Cremos que vale a pena reiterar a nossa convicção de que **liCine** é justamente o mesmo NP que se encontra atestado nos textos ibéricos inscritos nos mosaicos de La Caridad (Caminreal, Teruel) e **Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra) (Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 2000a, p. 124; 2011 [2012], p. 172; 2014, p. 176). Por outro lado, importa referir que quer o local de achamento do grafito em questão — *Valentia*, uma cidade povoada sobretudo por imigrantes itálicos —, quer a natureza do suporte, um objecto de carácter privado, quer ainda a pretensa adaptação do NP à morfo-fonologia ibérica tornam altamente inverosímil que **liCine** designe um Celtibero (Faria, 2019, p. 62; *contra*, Pérez Vilatela, 1992, p. 352). Semelhante facto não impediu que Moncunill (2021, p. 452, n. 36), munida de uma sobranceria e de uma auto-suficiência só permitidas pela cumplicidade de quem lhe publica semelhantes palpites, sentenciasse, sem discutir um só dos óbices acima invocados, que **liCine** conforma um NP celtibérico.

Acresce ainda que, tanto quanto sabemos, nenhum dos paladinos da interpretação do NP **liCine**, referenciado no mosaico de Caminreal, como forma iberizada do celtibero *Licinos* conseguiu até hoje fornecer uma resposta válida para a questão que formulámos há muitos anos (Faria, 1997, p. 109):

que explicação poderá ser encontrada para o facto de um fabricante de mosaicos celtibérico gravar uma inscrição em língua ibérica numa casa e numa cidade (...) habitadas por Celtiberos?

Tudo se conjuga, pois, para que o NP em causa, nas três ocorrências até agora documentadas, seja mesmo ibérico — **Ligine* (Vicente & *alii*, 1991, p. 122; 1993, pp. 755–756; Faria, 1992, p. 193; 1992–1993, p. 278; 1993, pp. 153, 157; 1997, p. 109; 2011 [2012], p. 172; 2019, p. 62) — ou, em último caso, latino — *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33; 1995, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994b, p. 68; 1997, p. 109; 2000a, p. 123; 2011 [2012], p. 172; 2014, p. 176;

2019, p. 62). Apesar de ambas as hipóteses de atribuição linguística — ibérica ou latina — terem sido equacionadas por Beltrán Lloris (2017, pp. 335, 340, 341), este autor considerou adequada a omissão de todos e cada um dos 17 títulos citados no parágrafo anterior, o mesmo sucedendo, de resto, com Moncunill (2021, p. 452, n. 36).

minuli[. Placa de chumbo. La Mesa de Alcolea (Alcolea del Río, Sevilha). Luján & López, 2017, pp. 128–136; Ferrer, 2021a, p. 85.

Na proposta de transliteração do NP aqui lematizado, pretendemos dar corpo às nossas suspeitas iniciais (Faria, 1990–1991, pp. 79–80) de que, ao invés do que sustentava De Hoz (1976, p. 266), assumindo uma postura que reverteu num trabalho publicado postumamente (De Hoz, 2021, p. 55), o sistema de escrita meridional não era “único y coerente”, uma perspectiva que torna legítimo o reequacionamento dos valores fonéticos a atribuir a determinados signos dentro de um mesmo documento.

Caso os valores fonéticos agora assumidos para o primeiro e terceiro signos venham a ser corroborados através do aparecimento de testemunhos incontestáveis, nada obsta a que possamos estar perante o NP céltico *Minulus* (Delamarre, 2007, pp. 134, 227) < **Minulos* ou, levando em consideração a última vogal legível, **Minul(l)ius* < **Minul(l)ios*.

O radical deste NP, *minu-*, é o mesmo que ocorre em Μινουπος, o nome de um dos assassinos de Viriato (Albertos, 1966, p. 157; *contra*, Faria, 2007b, p. 220).

Ναλβε[--]v. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

É preocupante constatar que, não obstante as nossas insistentes chamadas de atenção para o único modo correcto como o presente NP deve ser transcrito (Faria, 2004b, p. 185; 2010 [2011], p. 97; 2016 [2017], p. 125; 2019, pp. 62–63; 2021, p. 91), ainda vai sendo possível depararmo-nos com invenções do calibre de Ναλβεαδεν (Velaza, 2021, p. 55).

[N]αυαρυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há mais de três décadas que [N]αυαρυας configura um NP ibérico composto por *nabar* e por *bas* (Faria, 1991b, p. 18; 1994b, p. 69; 1998d, p. 229; 2000a, p. 131; 2001a, pp. 99–100; 2002a, p. 129; 2004a, p. 292; 2010 [2011], p. 100; 2011 [2012], p. 166; 2016 [2017], p. 126; 2019, p. 63).

É triste verificar que Velaza (2021, p. 55), lendo Ναυαρυας onde figura [N]αυαρυας, veio mais uma vez tentar apropriar-se da autoria de semelhante atribuição linguística. Enquanto tal se justificar, não deixaremos de denunciar esta e outras vilezas perpetradas por Velaza.

oCoPilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almeria). *MLH* III 2 H.1.1.

Lamentavelmente, Ferrer (2021a, p. 81) escondeu o nome de quem, pela primeira vez, individualizou este NP ibérico (Faria, 1995a, p. 327; 2002b, p. 236; 2003a, p. 225; 2004a, p. 308; 2007a, p. 174; 2008b [2009b], p. 152; 2012, p. 99), um comportamento em que este autor reincidiu (Ferrer, 2021a, p. 82) a propósito do NP **PaśTiPilos** (Faria, 1990–1991, pp. 76, 78, 84; 1991a, p. 190; 1994b, p. 67; 1995a, p. 324; 1998a, p. 236; 2004a, p. 304; 2006, p. 118; 2007a, p. 174; 2008b [2009b], p. 148; 2012, p. 92).

Não mais afortunado esteve o mesmo investigador ao transliterar **oCoPilos** sucessivamente como **onpilos** (Ferrer, 2021a, p. 81) e **onbilos** (Ferrer, 2021a, p. 81). Se, numa das duas vezes em que este nome surge inscrito, nenhuma dúvida se colocam à transliteração do segundo signo como <Co>, aumenta

de maneira substancial a probabilidade de ser aquele o signo que ocorre em idêntica posição na outra atestação do referido NP. Trata-se de um raciocínio cuja lógica nos parece irrefutável, pouco importando para o caso que, nestoutro testemunho, <Co> se apresente incompleto — uma conjectura que Ferrer não conseguiu provar — ou superficialmente gravado.

Em mais uma manifestação de uma triste conduta várias vezes reiterada na sua tese de doutoramento, Sabaté (2021, p. 329) ocultou toda a bibliografia que produzimos acerca da inscrição ibérica em apreço.

ordincali. Inscrição rupestre. Osséja 2 (Prades, Pirenéus Orientais, Occitânia). Campmajo & Untermann, 1990, pp. 71, 73; 1993, pp. 508–509.

Ferrer (2021b, p. 64) não possui qualquer legitimidade moral para envolver Rodríguez na identificação do NP ibérico **ordincali**, segmentável em **ordin·cali** (Faria, 2007a, p. 168; 2007b, p. 212).

Trata-se de uma associação espúria, cuja explicação só pode residir no papel preponderante que Ferrer vem reconhecendo à solidariedade nacional em prejuízo do rigor científico.

OR[-]VNETSÍ (dat.). Lápide funerária. Muez (Navarra). Gorrochategui, 1995 [1997], p. 225, Foto 3.

Creemos que pouco mais haverá que acrescentar às reflexões que este *cognomen* nos suscitou noutros momentos (Faria, 2002b, p. 237; 2005, p. 283; 2009 [2010], p. 166).

Cumpra-nos, contudo, deixar em aberto a possibilidade de este *cognomen* corresponder a um gentílico, a exemplo de muitos outros NNP ibéricos/paleobascos, por nós coligidos (Faria, 2013, pp. 195–196), que derivam de>NNL.

A sugestão que aqui formulamos é evidentemente tributária do juízo emitido sobre este assunto por Castillo (1992, p. 122; 1998, p. 80). Esta autora, que, tal como muitos outros investigadores (v., muito recentemente, Orduña, 2021b, p. 253), lê ORDVNETSÍ onde figura OR[-]VNETSÍ, interpreta este termo como referência à naturalidade de *L. Aemilius*: **Ordunesis* < **Ordunensis*. Segundo Castillo (1992, p. 122; 1998, p. 80), o NL de que derivaria o gentílico teria sido **Ordonum* ou **Ordunum*, ainda que, por razões óbvias (a tratar-se de um topónimo, seria naturalmente pré-romano), fosse preferível optar **Ordun*, **Ordune*, **Orduna* ou **Orduni*.

Divergindo de Castillo, seja qual for a letra a restituir — em função do idioma a que o *cognomen* possa pertencer, não é seguro que se trate de um <D> (Faria, 2009 [2010], p. 166) —, ORDVNETSÍ nunca terá possuído uma segunda nasal a seguir a <E>, se, conforme reputamos plausível (mas não inteiramente certo), o mesmo equivaler a um gentílico paleobasco/ibérico, **Or[-]junes*, correspondendo o signo de sibilante a um sufixo étnico (Schuchardt, 1907, pp. 32–37; Pérez Orozco, 1993, pp. 225–226; 2009 [2010], p. 36; De Hoz, 2002, pp. 162–163; Faria, 2002b, p. 234; 2003b, p. 319; 2005b, pp. 164–165; 2006, p. 122). A título de exemplo, recordemos o NP ENNEGES, que deverá filiar-se no NL **Ennege* (Faria, 2003a, p. 218), **Ennega* (Curchin, 2011, p. 313; Vidal, 2015, p. 97; *MLH* VI, p. 402) ou **Ennegi* (Silgo, 2013, p. 138).

Vem a propósito assinalar que, no radical (ou no primeiro componente) do NP ENNEGES, continuamos a preferir identificar a forma latina (com assimilação vocálica e consonântica) de *inde* (**indeges*, de preferência a **indeges*) (Faria, 2002a, p. 132) em detrimento de *ende* (Mariner, 1979, p. 76), porquanto só aquele primeiro formante é conhecido em escrita indígena, nomeadamente no NP **inTePele[s]** (F.11.7). ENNE também poderia provir de *indi*, mas a existência deste segmento antroponímico, advogada por diversos iberólogos (que preferem *inti* [*sic*]) (*MLH* III 1, p. 224; *MLH* V 2, p. 524; Rodríguez, 2014, p. 261), baseia-se em dois testemunhos de fiabilidade bastante discutível.

À luz da comparação com ENDEGVVS (*EDCS*-12100756) e com ENDEITEREIS (dat. pl.) (*EDCS*-22800065;

EDCS-08200010), continuamos a admitir que *inde* < *ende* constitui um elemento antroponímico ibérico importado do celta (Faria, 2008a [2009a], p.77), um conjunto que, estimamos, rondará a meia centena de componentes até hoje identificados.

É evidente que, na eventualidade de OR[-]VNETSI corresponder a um *cognomen*/gentílico de ascendência paleobasca/ibérica, afigura-se tentador completá-lo como OR[D]VNETSI, uma opção tomada por todos os autores que se debruçaram sobre o mesmo (v., em último lugar, Salaberri, 2017, p. 242, n. 3; Moncunill, 2019, pp. 143, 147; 2020, p. 179; Simón, 2020, pp. 138–139, n.º 83). Certo é, porém, que não existe até hoje, em escrita epicórica, qualquer prova da existência de *ordun* como formante onomástico ibérico, sendo que o único indício da sua documentação em escrita latina, durante a Época Romana, é justamente o *cognomen*/gentílico fragmentário que aqui analisamos. Convirá, notar, por outro lado, que muitos dos NNL atestados a partir da Idade Média (e.g., *Orduña/Urduña*), passíveis de explicar o nosso *cognomen*/gentílico, parecem encontrar a sua origem na antroponímia latina (v., recentemente, Yarza, 2015, pp. 361–362, 369, 376–378, 379). Não obstante, cremos que são em número suficiente as provas da existência de *ordun* na onomástica basca medieval, tanto na antroponímia como na toponímia (Michelena, 1987 [1969], p. 133; Irigoyen, 1994, pp. 242–243; Silgo, 1994, pp. 217–218; 2020, pp. 141–143; Salaberri, 2003, pp. 224–225; 2017, p. 242, n. 3; Ciérbide, 2017, p. 17), emergindo o apodo composto *Ordun velça* (1366) (Irigaray, 1955, p. 498; Reguero, 2011, p. 218) como o testemunho mais evidente de tal facto.

Não obstante reconhecermos que OR[D]VNETSI configura a hipótese de transcrição mais plausível, atrevemo-nos a formular uma outra sugestão de leitura do *cognomen*/gentílico em análise, que expomos aqui com as necessárias reservas; consiste a mesma na restituição de um <S> como a letra em falta no início da segunda linha do epitáfio.

Nesta conformidade, **Orsune* poderia estar na génese de *Urssua* (1146) (Salaberri, 2006, p. 699), através das formas intermédias **Urssue* < **Orsuhe*, um NL que hoje teria eventualmente correspondência com *Uxue/Ujué*. De **Orsune* também poderia ter derivado outro NL navarro atestado na documentação medieval como *Ursue* (1359, 1459) (Salaberri, 2009, pp. 145, 146; 2011, p. 142).

Ainda a propósito de OR[-]VNETSI (dat.), chega a ser desarmante o à-vontade com que Moncunill (2021, p. 448), atropelando todas as regras a observar na análise epigráfica e linguística, transforma este *cognomen*/gentílico em *Ordunnes*.

SALAGINI (dat.). Placa de xisto. Mina Peña de Hierro (Riotinto, Huelva). Gimeno & Velaza, 2021, p. 204.

Trata-se decerto de um ND ibérico — **Salagin* — latinizado em **Salaginis*, a segmentar em **sal·agin·sal* comparece em **sal·ager** (Faria, 1994b, p. 70; 1995a, p. 328; 1998a, p. 235; 2004a, p. 289; 2007a, p. 177; 2010 [2011], p. 98; 2015, p. 138), enquanto *agin* figura em **aCinir** (Faria, 1991a, p. 189; 1994b, pp. 66, 70; 1998a, p. 235; 2004a, p. 302), **PelesaCin** (Faria, 1994b, p. 67; 1998a, p. 235; 2004a, p. 296) e em ENASAGIN (Faria, 1994b, p. 67; 1998a, p. 235; 2004a, p. 297).

É triste reconhecer que Gimeno & Velaza (2021, pp. 207–208) omitiram despudoradamente toda a bibliografia por nós dedicada aos NNP ibéricos que testemunham os componentes do ND SALAGINI (dat.).

[s]elgibersáí/[s]elCiPersáí. Vaso de cerâmica. Molí d’Espígol (Tornabous, Urgell, Lérída). Cura, 1993, p. 219.

Não podemos permitir que Orduña (2021a, p. 488) se faça passar por autor quer da identificação do NP **[s]elgibersáí/[s]elCiPersáí**, quer da respectiva segmentação em **[s]elgi·ber·sáí/[s]elCi·Per·sáí**

(Faria, 1999, p. 156; 2003a, p. 215; 2003b, p. 318; 2004a, p. 299; 2006, p. 117).

SVLAGESSIA. Estela de calcário. Villartoso (Sória). Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 168.

Num trabalho maculado por erros incompreensíveis, pode ler-se que este NP contém um sufixo final (*sic*) alheio ao âmbito indo-europeu (Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 168).

No entanto, seja qual for a análise adequada, parece-nos preferível atribuir SVLAGESSIA ao celta. Cremos que SVL·AGESSI-A configurará a segmentação mais provável. São vários os NNP que contam *sul-* como radical, designadamente *Sul(l)a* (Lambert, 2003², pp. 56, 58, 123, 124; Delamarre, 2007, p. 174).

agessia, com final latinizado em *-ia* ou *-a*, é um componente que deverá ser cotejado com o radical de AGESILLVS (Delamarre, 2007, p. 14) e AGESSILI (gen.) (EDCS-49602309; EDCS-49602310).

VDANVS. Estela de calcário. Villartoso (Sória). Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 168.

Segundo os primeiros editores, “*Udanus* puede ser una variante sorda [*sic*] de un poco corriente *nomen gentile Utanius*, que usaron unos pocos individuos de Roma y sus alrededores” (Alfaro & Gómez-Pantoja, 2021, p. 168).

No entanto, a nosso ver, estamos perante um NP derivado do (paleo)basco *uda* ‘Verão’ (van Eys, 1873, p. 352; Lhande, p. 996), correlato do latim *Aestiuus/ -a*. Importa assinalar que, segundo Caro (1945, p. 103), o NL alavês *Estibaliz* terá derivado do NP *Aestiuus*, preferindo Michelena & Yrigaray (1958, p. 78) reportá-lo a **Aestualis*. Refira-se que **Aestualis* (também referido por Michelena, 1997⁵, p. 109) é correcção por *Aestualis* (Michelena & Yrigaray, 1955, p. 113), porquanto tal NP não se encontrava atestado na década de 50 do século passado, uma situação que, tanto quanto sabemos, se mantém até hoje.

De qualquer modo, estamos tentados a dar razão a Salaberri (2013 [2015], p. 208; 2015, p. 179) ao preconizar a filiação do NL *Estibaliz* em **Estival* (ou, melhor, **Aestival*), em conformidade com o modelo derivacional *Bazcoareiz* (patrónimo) < *Bazcoare* < *Pascoal* (Michelena, 1987 [1969], p. 138; Salaberri, 2003, p. 158).

Se, numa rápida pesquisa da EDCS, observamos que a área de distribuição do NP *Aestiuus/ -a* indicia claramente que estamos ante um *Deckname* em substituição de um ou vários NNP célticos, tal não obsta a que pelo menos alguns exemplos hispânicos do dito NP recubram NNP de ascendência paleobasca ou ibérica.

Se a etimologia de *Udanus* ora sugerida estiver correcta, sai fragilizada a hipótese, aventada por Michelena (1977², p. 100), de a variante *eudea* ser anterior a *uda*.

jiTe. Placa de calcário. Ampúrias (La Escala, Gerona). *MLH III 2 C.1.1.*

Continuamos a acreditar que poderemos estar perante a iberização do *cognomen Auitus*, mutilado no início (Faria, 2004b, p. 184; 2014, p. 181; 2015, p. 139), pertencente a **[mPa]rCe / [Pa]rCe Corneli** < *Marcus Cornelius*.

Esta nossa perspectiva, até agora por contestar, foi deliberadamente silenciada por Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 519).

[cu]inTi. Placa de calcário. Ampúrias (La Escala, Gerona). *MLH III 2 C.1.1.*

Tal como sustentámos em diversas ocasiões, estamos perante a versão ibérica, truncada no início, do *nomen Quintius* (Faria, 1997, p. 111; 2000a, pp. 136–137; 2004b, p. 184; 2010 [2011], p. 94; 2014, p. 181; 2015, p. 139) ou, com menor grau de probabilidade (em face do número de atestações, bem mais escasso), de *Quinctius*.

Tudo o que Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 524) escreveram acerca de **JinTi** resulta de uma postura de má-fé e não passa de areia atirada aos olhos dos seus leitores menos informados.

Tal como Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 524), também Rodríguez (2014, p. 156) admitiu a possibilidade de o NP fragmentário que nos ocupa testemunhar a ocorrência do pretense formante antroponímico ibérico *inti*. Trata-se obviamente de uma suposição errada.

[Ci?]nerunif. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almeria). *MLH III 2 H.1.1*.

Na proposta de transliteração do NP aqui lematizado, partimos de dois pressupostos:

1. Pretendemos dar corpo às nossas suspeitas iniciais (Faria, 1990–1991, pp. 79–80) de que, ao invés do que sustentava De Hoz (1976, p. 266), o sistema de escrita meridional não era “único y coherente”, uma perspectiva que torna legítimo o reequacionamento dos valores fonéticos a atribuir a determinados signos dentro de um mesmo documento.
2. O chumbo de Gádor está redigido em ibero, ou, não o estando, configura um documento contabilístico turdetano — correspondente *grosso modo* ao autêntico âmbito geográfico tal como foi identificado por Moret (2011, pp. 239–240; 2017, p. 123; 2018, pp. 19, 21) para esta etnia — que, além de cifras e respectivas unidades de medida, veicula exclusivamente NNP ibéricos.

A provável restituição do segmento inicial do NP radica na individualização do dito formante em **TerCeCiner** (F. 20.1) (*MLH III 1*, p. 226, n. 75; *MLH III 2*, p. 536; Faria, 1993, p. 150; 1994b, p. 69; *MLH V 2*, p. 216; *contra*, Faria, 1992–1993, p. 278: **TerCe·Cine·(e)rTin**).

O segmento **unif** ocorre com outro fonemograma de vibrante em **isCeunir** (G.17.1) (Faria, 1998a, p. 238; 2000a, p. 135; 2007a, p. 172; 2014, pp. 174–175; 1990–1991, pp. 76, 86; 1991a, p. 190; 2004a, p. 303; 2007a, p. 172; 2008a [2009a], p. 77) e em **ñrešunir** (B.7.36)/**ñur[eš]unir** (B.7.36)/**urešunir** (B.7.34) (Faria, 1990–1991, p. 88; 1991a, p. 190; 1992, p. 195; 1994b, p. 68; 1995a, pp. 326, 329; 2004a, pp. 308, 311).

JrCe. Placa de calcário. Ampúrias (La Escala, Gerona). *MLH III 2 C.1.1*.

De entre as várias tentativas de atropelamento e fuga (metaforicamente falando) ensaiadas por Moncunill & Velaza (*MLH V 2*), quiçá a mais despuddorada é a que nos cumpre agora denunciar.

Por muitos apoios — desde Mayer (2012, p. 127) a Simón (2013, pp. 69, 157), passando por Beltrán (2011, p. 36, n. 95; 2012, p. 18 e n. 78) — que Velaza tenha podido angariar na sua pretensão de se fazer passar por autor da identificação do *praenomen* iberizado **[mPa]rCe/[Pa]rCe** < *Marcus*, pertencente a um tal **Corneli** < *Cornelius*, não há aqui lugar para qualquer espécie de liberdades poéticas: é a nós que nos cabe a precedência em tal descoberta (Faria, 1993, pp. 155–156; 1997, p. 111; 2000a, pp. 136–137; 2003a, p. 223; 2004b, p. 184; 2013, p. 205; 2014, pp. 181–182; 2015, p. 139).

Teremos, pois, de concluir que, ao resultar de uma evidente postura de má-fé, tudo o que Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 465) escreveram acerca de **JrCe** não passa de areia atirada aos olhos dos seus leitores menos informados.

[-]VCENSES. Tábua de bronze. Roma. *CIL I² 709*.

Na esteira de Gómez-Moreno (1949, p. 247), persistimos em restituir como **[A]VCENSES** o gentílico que figura truncado no Bronze de Ascoli (Faria, 2009 [2010], p. 163; 2011 [2012], p. 151).

Nada justifica, por conseguinte, a tentativa empreendida por Amela (2021, p. 33) com vista a remeter este gentílico para o NL *Auso*, porquanto, em nenhum caso, pode este ser considerado variante de *Auca*.

Convirá referir que o gentílico *Aucensis*, respeitante a uma sede episcopal situada em território hoje pertencente à província de Burgos, só surge inequivocamente mencionado pela primeira vez nas Actas do III Concílio de Toledo (589) (Irigoyen, 1985, p. 1010; Tovar, 1989, p. 326; García Sánchez, 2003, p. 149). Como é evidente, tal circunstância não obsta a que *Auca* possua uma origem linguística pré-romana (García Sánchez, 2003, p. 149).

Não é certo que seja esta a *Auca* indirectamente documentada no Bronze de Ascoli, dada a grande distância entre o referido povoado, decerto situado nas imediações de Villafranca Montes de Oca (Burgos) (Peterson, 2009, p. 56, n. 2), e *Salduie* (Saragoça), centro de recrutamento da *turma Salluitana* (Pina, 2003 [2004], pp. 200, 202). Em contrapartida, é bem verdade que os *Libenses* (textualmente *Llbenses*: Faria, 2007a, p. 162) mencionados no mesmo documento ocupariam também uma posição excêntrica relativamente a *Salduie*, caso aqueles correspondessem aos habitantes de *Libia* (Cerro del Piquillo, Herramélluri-Grañón, La Rioja) (Peterson, 2009, pp. 62 e n. 26, 70, 71 e n. 57, 73 e n. 63), uma hipótese que colide com o inequívoco cunho celtibérico dos testemunhos linguísticos pré-latinos conotados com esta cidade (Tovar, 1989, p. 461; Beltrán Lloris, 2006, p. 75; Burillo, 2007², p. 225; *MLH* VI, p. 494; Amela, 2021, p. 36).

É, pois, nossa convicção que a *Auca* cuja existência se depreende do Bronze de Ascoli configure uma cidade homónima da que se conhece em território hoje burgalês, mais próxima de *Salduie*. Indo um pouco mais longe nas nossas elucubrações, talvez seja esta a cidade que, no Anónimo de Ravena (310, 6), se documenta como *Auci*. A ter sido assim, uma tal forma não passaria de uma corruptela de *Auca* (*contra*, Tovar, 1989, pp. 326, 379; Curchin, 2008, p. 17; Silgo, 2013; Vidal, 2015, p. 196; *MLH* VI, p. 222).

Bibliografía citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (2013) – Cuestiones epigráficas del conventus Carthaginensis (Hispania Citerior), con algunas contribuciones póstumas de Géza Alföldy. In LÓPEZ VILAR, Jordi, ed. - *Actes 1er Congrès Internacional d'Arqueologia i Món Antic: govern i societat a la Hispània romana: novetats epigràfiques. Homenatge a Géza Alföldy, Tarragona 29–30 de Novembre i 1 de Desembre de 2012*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 13–34.

ACIP = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre; BENAGES I OLIVÉ, Jaume (2011) – *Ancient coinage of the Iberian Peninsula: Greek / Punic / Iberian / Roman. Les monedes de l'Edat Antiga a la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.

AGUD QUEROL, Manuel; TOVAR LLORENTE, Antonio (1994) – Materiales para un Diccionario Etimológico de la Lengua Vasca XXI. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 18:2, pp. 915–992.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.

ALFARO PEÑA, Eduardo (2018) – Los Casares de San Pedro Manrique: un viejo *oppidum*, una pequeña ciudad. In MARTÍNEZ CABALLERO, Santiago; SANTOS YANGUAS, Juan; MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano José, eds. – *El urbanismo de las ciudades romanas del valle del Duero: actas de la I Reunión de Ciudades Romanas del Valle del Duero, Segovia, 20 y 21 de octubre de 2016*. Segovia: Junta de Castilla y León, Diputación de Segovia, Ayuntamiento de Segovia y Asociación de Amigos del Museo de Segovia, pp. 51–69.

ALFARO PEÑA, Eduardo; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín (2021) – Entre iberos, celtiberos y vascones: inscripciones inéditas y revisadas de Tierras Altas de Soria. *Veleia*. 38, pp. 165–182.

AMELA VALVERDE, Luis (2021) – A vueltas con la *Turma Salluitana* y su relación con la clientela pompeyana. *Hispania Antiqua*. 45, pp. 20–69.

AZNAR MARTÍNEZ, Eduardo (2017) – *Tierras, gentes y voces: el legado del euskera riojano*. Pamplona: Pamiela.

BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.

BELTRÁN FORTES, José (2021) – Las inscripciones del “mausoleo de los Pompeyos” de Torreparedones (Baena, Córdoba). *Apuntes sobre las relaciones familiares. Gerión*. 39:1, pp. 265–294.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2006) – Libia en el siglo I a. E. In ÁLVAREZ CLAVIJO, Pedro, ed. – *Libia: la mirada de Venus. Centenario del descubrimiento de la Venus de Herramélluri (1905–2005)*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, pp. 71–75.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2011) – Lengua e identidad en la Hispania romana. *Palaeohispanica*. 11, pp. 19–59.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2012) – Roma y la epigrafía ibérica sobre piedra del nordeste peninsular. *Palaeohispanica*. 12, pp. 9–30.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2017) – ¿Sedes colegiales indígenas de fecha republicana en Caminreal y Andelo? In RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, Oliva; TRAN, Nicolas; SOLER HUERTAS, Begoña, eds. – *Los espacios de reunión de las asociaciones romanas: diálogos desde la arqueología y la historia, en homenaje a Bertrand Goffaux*. Sevilla: Universidad, pp. 331–344.

BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; DÍAZ ARIÑO, Borja; SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2021) – *El Bronce de Novallas (Zaragoza) y la epigrafía celtibérica en alfabeto latino*. Zaragoza: Museo.

BENAGES I OLIVÉ, Jaume (1990) – Escritura ibérica sobre plom. *Butlletí Arqueològic. Època V*. 12, pp. 41–47.

BÉNÉZET, Jérôme; MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2021) – Les plus anciens graffites sur céramiques d'Illiberis (Elne-66) (V^e-IV^e s. av. n. è.). In LEGER, Claire; RAUX, Stéphanie, eds. – *Des objets et des hommes: études offertes à Michel Feugère*. Montagnac: Monique Mergoil, pp. 51–61.

BLANCO ROBLES, Fernando (2021) – De Iberia a Hispania: la formación de una identidad en la Antigüedad (II). *Hispania Antiqua*. 45, pp. 419–441.

- BONET ROSADO, Helena; MATA PARREÑO, Consuelo (1989) – Nuevos grafitos e inscripciones ibéricos valencianos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 19, pp. 131–148.
- BURILLO MOZOTA, Francisco (2007²) – *Los celtíberos: etnias y estados*. (1998¹). Barcelona: Crítica.
- CABALLOS RUFINO, Antonio (1989) – Los senadores de origen hispano durante la República romana. In GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Julián, ed. – *Estudios sobre Urso Colonia Iulia Genetiva*. Sevilla: Alfar, pp. 133–153.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. 10, pp. 249–274.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1990) – Nouvelles découvertes de graffiti ibériques en Cerdagne: les apports de la culture ibérique en Cerdagne: données contradictoires. In *La Romanització del Pirineu: homenatge al Prof. Dr. Miquel Tarradell i Mateu: 8è Col.loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, del 8 a l'11 de desembre de 1988*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 69–78.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) – Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.
- CARO BAROJA, Julio (1945) – *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CIÉRBIDE MARTINENA, Ricardo (1996) – Leyre: onomástica del Becerro Antiguo: consideraciones. *Fontes Linguae Vasconum*. 71, pp. 119–134.
- CIÉRBIDE MARTINENA, Ricardo (2017) – La onomástica histórica de Navarra. *Huarte de San Juan. Filología y Didáctica de la Lengua*. 17, pp. 6–34.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS SOLÁ, Monserrat; PADRÓS MARTÍ, Pepita; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) – Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. 1, p. 291–299.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) – Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIΩN*. 14, pp. 253–291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) – Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994a) – La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. 24:2, pp. 263–287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994b) – La transcripción de las vibrantes de la escritura paleohispánica. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 21, pp. 337–341.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2001) – Las silbantes en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 305–318.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009) – Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTI-AGUILAR, Manuel, eds. – *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273–295.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2021) – Consideraciones sobre tres topónimos prerromanos del sur de Portugal. *Palaeohispanica*. 21, pp. 353–368.

CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo (2011) – Identidad e identidades en el sur de la Península Ibérica en época romana: un problema histórico y geográfico. In SARTORI, Antonio; VALVO, Alfredo, eds. – *Identità e Autonomie nel Mondo Romano Occidentale. Iberia-Italia - Italia-Iberia: III Convegno Internazionale di Epigrafia e Storia Antica, Gargnano, 12-15 maggio 2010*. Faenza: Fratelli Lega Editori, pp. 209–225.

CURA I MORERA, Miquel (1993) – Nous grafits ibèrics en el Molí d’Espígol (Tornabous) i la cronologia de l’escriptura ibèrica a l’interior de Catalunya. *Gala*. 2, pp. 219–225.

CURCHIN, Leonard A. (2008) – Place-names of the Ebro Valley: their linguistic origins. *Palaeohispanica*. 8, pp. 13–33.

CURCHIN, Leonard A. (2011) – Naming the provincial landscape: settlement and toponymy in ancient Catalunya. *Hispania Antiqua*. 35, pp. 301–320.

DE HOZ BRAVO, Javier (1976) – La epigrafía prelatina meridional en Hispania. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. – *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 227–317.

DE HOZ BRAVO, Javier (1992) – La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 330–338.

DE HOZ BRAVO, Javier (1995) – Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, Addolorata, ed. – *L’Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4–5–6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, pp. 11–44.

DE HOZ BRAVO, Javier (2002) – El complejo sufijal *-(e)sken* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. 2, pp. 159–168.

DE HOZ BRAVO, Javier (2003) – Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, Simona; POCSETTI, Paolo, eds. – *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, pp. 85–97.

DE HOZ BRAVO, Javier (2010) – *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad, I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

DE HOZ BRAVO, Javier (2016) – Los turdetanos. ¿Quiénes eran y qué hablaban? In MAIA, Manuel, ed. – *Atas da Mesa Redonda Turdetânea e Turdetanos*. Castro Verde: Museu da Lucerna, pp. 200–228.

DE HOZ BRAVO, Javier (2018) [2019] – The linguistic situation in the territory of Andalusia. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 138–159.

DE HOZ BRAVO, Javier (2021) – Epigrafía fenicia y epigrafía palaeohispánica: la introducción de la escritura en el extremo occidente. In COSTA RIBAS, Benjamín; ZAMORA LÓPEZ, José Ángel, eds. – *Fuentes epigráficas fenicio-púnicas en Occidente: XXXII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica (Eivissa, 2017)*. Eivissa: Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera, pp. 51–74.

DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l’épigraphie classique)*. Paris: Errance.

DELAMARRE, Xavier (2019) – *Dictionnaire des thèmes nominaux du gaulois. I: Ab- / Ixs(o)-*. Paris: Les Cent Chemins.

DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée*. (2001¹). Paris: Errance.

EDCS = *Epigraphik-Datenbank Claus/Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.

ESTARÁN TOLOSA, María José (2021) – La latinisation à travers les textes sur céramique: bilinguisme, changement linguistique et «romanisation» de l’épigraphie d’usage quotidien. In BROEKAERT, Wim; DELATTRE, Alain; DUPRAZ, Emmanuel; ESTARÁN TOLOSA, María José, eds. – *L’épigraphie sur céramique: l’instrumentum domesticum, ses genres textuels et ses fonctions dans les sociétés antiques*. Genève: Droz, pp. 265–288.

- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – [Recensão de] VELAZA, Javier – *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova Série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 241–256.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. 37, pp. 267–271.
- FARIA, António Marques de (1998d) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.

- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (27). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 75–137.
- FARIA, António Marques de (2018b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FARIA, António Marques de (2019) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (28). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, pp. 55–78.
- FARIA, António Marques de (2020a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (29). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 23, pp. 51–72.

- FARIA, António Marques de (2020b) – Notas soltas de numismàtica hispànica (com um apêndice norte-africano). *Hécate*. 7, pp. 1–19.
- FARIA, António Marques de (2020c) – Topónimos e antropónimos em moedas hispánicas: algumas notas historiográficas. In DE FRANCISCO OLMOS; José María; RETAMERO SERRALVO, Félix, eds. – *Homenaje a Josep Pellicer i Bru*. Barcelona: Asociación Numismática Española, pp. 11–27.
- FARIA, António Marques de (2021) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (30). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 24, pp. 83–100.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] – Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. 5, pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] – Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. 23, pp. 129–170.
- FERRER I JANÉ, Joan (2007) [2008] – Sistemes de marques de valor lèxiques en monedes ibèriques. *Acta Numismàtica*. 37, pp. 53–73.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] – El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. 27, pp. 69–113.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – **Šaleitaftin**: testimoni múltiple d'un antropònim ibèric al jaciment de Can Rossó (Argençola). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 22, pp. 143–151.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018a) – El signo S65 de la escritura paleohispànica meridional: a propósito de la inscripción de la necrópolis de Piquiá (Arjona, Jaén). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 138–180.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018b) – Revisión de las inscripciones ibéricas rupestres del abrigo del Tarragón (Losa del Obispo): primeros resultados. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 15, pp. 221–261.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018c) – A la recerca dels teònims ibèrics: a propòsit d'una nova lectura d'una inscripció ibèrica rupestre d'Oceja (Cerdanya). In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 101–126.
- FERRER I JANÉ, Joan (2019) – Construint el panteó ibèric amb l'ajut de les inscripcions ibèriques rupestres. *Ker*. 13, pp. 42–57.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021a) – La escritura turdetana en el contexto de las escrituras paleohispánicas. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 67–94.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021b) – El text ocult del palimpsest del segon plom ibèric de Yátova (València). *Veleia*. 38, pp. 57–90.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021c) – Dos nous fragments de làmines de plom amb inscripcions ibèriques nord-orientals procedents d'una col·lecció particular. *Liburna*. 18, pp. 91–111.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021d) – Panorama actual de la epigrafia rupestre ibèrica. In BROEKAERT, Wim; DELATTRE, Alain; DUPRAZ, Emmanuel; ESTARÁN TOLOSA, María José, eds. – *L'épigraphie sur céramique: l'instrumentum domesticum, ses genres textuels et ses fonctions dans les sociétés antiques*. Genève: Droz, pp. 197–218.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021) [2022] – L'abecedari ibèric no dual de l'Esquirol i altres novetats d'epigrafia ibèrica rupestre ausetana. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 31, pp. 79–103.
- FERRER I JANÉ, Joan; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Une nouvelle inscription rupestre latine d'Err (Pyrénées-Orientales). *Latomus*. 79, pp. 78–90.
- FERRER I JANÉ, Joan; OLESTI VILA, Oriol; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Les quatuorvirs ibères de *Iulia Lybica*: une inscription rupestre latine exceptionnelle à Osséja. *Sources*. 7, pp. 29–42.
- FERRER I JANÉ, Joan; SINNER, Alejandro G. (2019) – Baitolo, una doble inscripció ibèrica en un cepo de ancla de plomo del siglo I a.C. *Palaeohispanica*. 19, pp. 147–167.
- FERRER I JANÉ, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; OLESTI VILA, Oriol (2018) – Nuevas inscripciones rupestres latinas de Oceja y los *Illiviri* ibéricos de *Iulia Lybica*. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. 44:1, pp. 169–195.
- FERRER I JANÉ, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; QUIXAL SANTOS, David; SERRANO CASTELLANO, Ana; MATA PARREÑO, Consuelo;

PASÍES OVIEDO, Trinidad; GALLELLO, Gianni (2021) – Una pequeña lámina de plomo con inscripción ibérica de paleografía arcaica del Pico de los Ajos (Yátova, València). *Veleia*. 38, pp. 91–109.

FLETCHER VALLS, Domingo (1984) – Un plomo ibérico de la comarca de Enguera (Valencia). *Arse*. 19, pp. 404–414.

GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2022) – Towards a language map of southern Hispania: onomastic arguments. *Voprosi Onomastiki*. 19:1, pp. 45–65.

GARCIA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1990) – *El tesoro de Mogente y su entorno monetar*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.

GARCÍA FERNÁNDEZ; Francisco José (2012) – Tartesios, túrdulos, turdetanos: realidad y ficción de la homogeneidad étnica de la Bética Romana. In SANTOS YANGUAS, Juan; CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, eds. – *Romanización, fronteras y etnias en la Roma Antigua: el caso hispano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 691–734.

GARCÍA FERNÁNDEZ; Francisco José; GARCÍA VARGAS, Enrique (2020–2021) – La baja época de la cultura ibérica en Turdetania. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. 51, pp. 71–111.

GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier (2003) – *Ocaña, Nambroca, Recas* y otros nombres de lugar, ¿re población vascofona en Toledo?. *Revista de Filología Española*. 83, pp. 145–160.

GAVEL, Henri (1921) – Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 12:1, pp. 2–536.

GIMENO PASCUAL, Helena; VELAZA FRÍAS, Javier (2021) – *Salagin*: un nuevo teónimo en una inscripción de Riotinto (Huelva). *Epigraphica*. 83:1–2, pp. 201–208.

GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia–arte–arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín (2019) – La epigrafía pobre. In ALVAR ESQUERRA, Antonio, ed. – *Siste viator: la epigrafía en la antigua Roma*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 145–149.

GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

HEp = *Hispania Epigraphica*.

HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Juan Sebastián (1998) – Los *Vibii Pac(c)iaeci* de la Bética: una familia de *hispanienses* mal conocida. *Faventia*. 20:2, pp. 163–176.

HERRERA RANDO, Javier (2019) – Magistrados locales y lenguas indígenas en el Occidente Romano. *Athenaeum*. 107:2, pp. 357–387.

HERRERA RANDO, Javier (2021) – Epigrafía pública y latinización en el sur de Hispania. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 119–145.

HOLDER, Alfred (1904) – *Alt-celtischer Sprachschatz. Zweiter Band: I–T*. Leipzig: Teubner.

IRIGARAY IRIGARAY, Angel (1955) – Antropónimos medioevales de Navarra. *Príncipe de Viana*. 61, pp. 495–506.

IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1985) – Sobre los topónimos *Oca* y su entorno. In MELENA JIMÉNEZ, José Luis, ed. – *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae. Pars altera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 1007–1016.

IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1994) – *Pertsona – izenak euskaraz nola eman*. Bilbao: Deustuko Unibersitatea.

KAJANTO, Iiro (1965) – *The Latin cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.

LAMBERT, Pierre-Yves (2003²) – *La langue gauloise*. Édition revue et augmentée. (1994¹). Paris: Errance.

LEFEBVRE, Sabine (2006) – Les migrations des *Africani* en péninsule ibérique: quelle vérité?. In CABALLOS RUFINO, Antonio; DEMOUGIN, Ségolène, eds. – *Migrare: la formation des élites dans l'Hispanie romaine*. Bordeaux: Ausonius, pp. 101–203.

- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) – Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, p. 19–59.
- LHANDE HEGUY, Pierre (1926) – *Dictionnaire basque-français et français-basque (dialectes labourdin, bas-navarrais et souletin), d'après la Dictionnaire basque-espagnol-français de l'Abbé R. M. de Askúe et les dictionnaires manuscrits des Abbés M. Harriet, M. Hiribarren et Pierre Foix*. Paris: Gabriel Beauchesne.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) – Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; LÓPEZ FERNÁNDEZ, Aránzazu (2017) – Nuevas inscripciones paleohispánicas del Museo Arqueológico de Sevilla. *Palaeohispanica*. 17, pp. 125–139.
- MARINER BIGORRA, Sebastián (1972) – Adaptaciones latinas de términos hispánicos. In *Homenaje a Antonio Tovar ofrecido por sus discípulos, colegas y amigos*. Madrid: Gredos, pp. 283–299.
- MARINER BIGORRA, Sebastián (1979) – La distribución de los fonemas ibéricos según textos en escritura griega y en semisilabario y según onomástica transmitida. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 69–79.
- MARTÍNEZ SÁENZ DE JUBERA, Martín; GONZÁLEZ PERUJO, José María (1998) – Onomástica vasca en la Rioja. *Fontes Linguae Vasconum*. 79, pp. 475–496.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MAYER I OLIVÉ, Marc (2012) – La epigrafía. In AQUILUÉ ABADÍAS, Xavier, ed. – *Ciudades romanas de Hispania, 6. Empúries – Municipium Emporiae*. Roma: «L'Erma» di Breschneider, pp. 126–131.
- MÉRIMÉE, Prosper (1844) – Inscriptions romaines de Baena. *Revue Archéologique*. 1, pp. 176–181.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1958) – Hispánico antiguo y vasco. *Archivum*. 8, pp. 33–47.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1972) – Nota marginal sobre la huella latina en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 4, pp. 5–25.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) – *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1987) [1969] – Notas sobre los nombres de persona en la Navarra medieval. In *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 119–140 [= *Fontes Linguae Vasconum*. 1, pp. 33–54].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997⁵) – *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis; YRIGARAY YRIGARAY, Ángel (1955) – Nombres vascos de persona. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 2, pp. 107–127.
- MICHELENA ELISSALT, Luis; YRIGARAY YRIGARAY, Ángel (1958) – Nombres vascos de persona. In CORTÉS VÁZQUEZ, Luis; GARCÍA BLANCO, Manuel; TOVAR LLORENTE, Antonio, eds. – *Cinquième Congrès international de toponymie et d'anthroponymie Salamanca, 12–15 avril 1955. Actes et memoires / Fifth International Congress of Toponymy and Anthroponymy, Salamanca, 12th–15th April 1955. Proceedings and transactions*. Salamanca: Universidad, pp. 73–92.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL MONCUNILL, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften | Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie*

des antiken Hispanien. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2012) – El orden de los formantes antropónimos en la lengua ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 12, pp. 189–217.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2017) – Indigenous naming practices in the Western Mediterranean: the case of Iberian. *Studia Antiqua et Archaeologica*. 23:1. pp. 7–20.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2019) – From Iberians to Romans: the latinization of Iberian onomastics through Latin epigraphic evidence. *Phoenix*. 73:1–2, pp. 134–163.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2020) – Se nommer devant l'autre. L'adaptation des noms ibériques à la formule onomastique romaine. In RUIZ DARASSE, Coline, ed. – *Comment s'écrit l'autre? Sources épigraphiques et papyrologiques dans le monde méditerranéen antique*. Pessac: Ausonius, pp. 173–189.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2021) – Variación y continuidad en la onomástica personal de los iberos (s. V a.C. – II d.C.). *Palaeohispanica*. 21, pp. 435–465.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Iberian. *Palaeohispanica*. 20, pp. 591–629.

MORET, Pierre (2011) – ¿Dónde estaban los *Turdetani*? Recovecos y metamorfosis de un nombre, de Catón a Estrabón. In ÁLVAREZ MARTÍ-AGUILAR, Manuel, ed. – *Fenicios en Tartessos: nuevas perspectivas*. Oxford: Archaeopress, pp.233–248.

MORET, Pierre (2017) – *Des noms à la carte: figures antiques de l'Ibérie et de la Gaule*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá; Sevilla: Universidad.

MORET, Pierre (2018) – Historians vs. geographers: divergent uses of the ethnic name Turdetania in the Greek and Roman tradition. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, ed. – *Roman Turdetania: romanization, identity and socio-cultural interaction in the south of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st centuries BCE*. Leiden; Boston, MA: Brill, pp. 13–33.

OBRADOR CURSACH, Bartomeu; DE NICOLÁS MASCARÓ, Joan C.; MÚRCIA SÀNCHEZ, Carles (2020) – L'epigrafia antiga dels hipogeus de Menorca. *Pyrenae*. 51:2, pp. 31–67.

ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) – *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero. Madrid: UNED.

ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2021a) – Onomástica ibérica y vascoaquitana: nuevos planteamientos. *Palaeohispanica*. 21, pp. 467–494.

ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2021b) – La teoría vasco-ibérica. In SINER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Lenguas y epigrafías paleohispánicas*. Barcelona: Bellaterra, pp. 247–268.

ORIBE FERNÁNDEZ, Alfredo (2011) [2013] – Jatorri antroponimikodun toponimia euskal lurretan: 25 leku izen. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 45:1, pp. 327–360.

ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.

PADILLA MONGE, Aurelio (2006) – La integración de las oligarquías indígenas en las elites coloniales del Sur de Hispania. In CABALLOS RUFINO, Antonio; DEMOUGIN, Ségolène, eds. – *Migrare: la formation des élites dans l'Hispanie romaine*. Bordeaux: Ausonius, pp. 205–240.

PANOSA DOMINGO, María Isabel (2001) Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 511–540.

PANOSA DOMINGO, María Isabel (2015) – *Inscripcions ibèriques de les comarques de Tarragona*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) – Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. 63, pp. 221–229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2009) [2010] – Sufijos nominales protohispánicos: los étnicos y gentilicios. *Arse*. 43, pp. 33–50.
- PÉREZ ROJAS, Manuel (1983) – La estela ibérica de Caspe: introducción a su estudio. *Archivo Español de Arqueología*. 56, pp. 269–285.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) – Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351–360.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1993) – Primitiva zona geográfica de aplicación del corónimo «Iberia». *Faventia*. 15, pp. 29–44.
- PETERSON, David (2009) – *Frontera y lengua en el Alto Ebro, siglos VIII-XI: las consecuencias e implicaciones de la invasión musulmana*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- PINA POLO, Francisco (2003 [2004]) – ¿Por qué fue reclutada la *turma Salluitana* en Salduie?. *Gerión*. 21:1, pp. 197–204.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2019) – Celtic and Venetic in contact: the dialectal attribution of the personal names in the Venetic record. *Zeitschrift für celtische Philologie*. 66:1, pp. 131–176.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- REGUERO UGARTE, Urtzi (2011) – Erdi aroko euskararen corpusa osatzeko ekarpena. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 45:2, pp. 153–233.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; SINNER, Alejandro G. (2019) – Coin evidence for Palaeohispanic languages. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 365–395.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; SINNER, Alejandro G. (2021) – Testimonios numismáticos de las lenguas paleohispánicas. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Lenguas y epigrafías paleohispánicas*. Barcelona: Bellaterra, pp. 397–429.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2004] – Revisión de algunas lecturas de las inscripciones íberas levantinas no monetales publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. *Pyrenae*. 33–34, pp. 365–373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2005] – ¿Existe el doble sufijo de “genitivo” -AR -EN en la lengua íbera?. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. 23, pp. 251–255.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico íberos. *ArqueoWeb*. 15, pp. 81–238 < <http://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> > [consulta: 09-05-21].
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2018) – Estudio de fenómenos consonánticos de la lengua íbera. *Veleia*. 35, pp. 189–211.
- SABATÉ VIDAL, Víctor (2021) – *Inscribed lead tablets from the ancient western Mediterranean*. *Tesi doctoral*. Barcelona: Universitat < <http://hdl.handle.net/2445/176593> > [consulta: 27-03-22].
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2003) – *Euskal deiturategia: patronimia*. Bilbo: Udako Euskal Unibertsitatea.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2006) – Sobre los nombres de Ujué. *Euskera*. 51:2, pp. 693–711.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2009) – Izen ttipiak euskaraz. Bilbo / Bilbao: Euskaltzaindia = Real Academia de la Lengua Vasca.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011) – Sobre el sufijo occidental -ika y otras cuestiones de toponimia vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 113, pp. 139–176.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2013) [2015] – Topónimos alaveses de base antroponímica terminados en -iz, -ez y -ona / -oa. *Lapurdum*. 17, pp. 201–220.

SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2015) – *Araba / Álava. Los nombres de nuestros pueblos*. [Bilbao]: Euskaltzaindia = Real Academia de la Lengua Vasca.

SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2017) – Estudio de los nombres de los pueblos y despoblados del valle de Gesalatz (Navarra). *Fontes Linguae Vasconum*. 124, pp. 219–250.

SARKISIAN, Vahan (1998) – Estudios toponímicos vascos (reconstrucción interna). *Fontes Linguae Vasconum*. 79, pp. 407–415.

SCHUCHARDT, Hugo (1907) – Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. 157:2, pp. 1–90.

SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. 3:3, pp. 237–247.

SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.

SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 139–155.

SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.

SILGO GAUCHE, Luis (2020) – Miscelánea ibérica y vasca. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. pp. 125–152.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2013) – *Los soportes de la epigrafía paleohispánica: inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*. Zaragoza: Universidad; Sevilla: Universidad.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015) – *Tanniber: un productor de metal de posible origen ibérico*. *Pallas*. 97, pp. 181–192.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2020) – *Nombres ibéricos en inscripciones latinas*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2021) – Los ostraka ibéricos. In BROEKAERT, Wim; DELATTRE, Alain; DUPRAZ, Emmanuel; ESTARÁN TOLOSA, María José, eds. – *L'épigraphie sur céramique: l'instrumentum domesticum, ses genres textuels et ses fonctions dans les sociétés antiques*. Genève: Droz, pp. 311–327.

SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 12, pp. 55–123.

STANNARD, Clive; SINNER, Alejandro G.; FERRANTE, Marco (2019) – Trade between Minturnae and Hispania in the Late Republic. *The Numismatic Chronicle*. 179, pp. 123–171.

ÁLVAREZ MELERO, Anthony (2018) – *D'une rive à l'autre*. Los contactos entre Hispania y las provincias africanas desde el punto de vista de la onomástica. In ÁLVAREZ MELERO, Anthony; ÁLVAREZ-OSSORIO RIVAS, Alfonso; BERNARD, Gwladys; TORRES GONZÁLEZ, Víctor Andrés, eds. – *Fretum Hispanicum: nuevas perspectivas sobre el Estrecho de Gibraltar durante la Antigüedad*. Sevilla: Universidad, pp. 185–204.

TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) – *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.

UHLENBECK, Christian Cornelius (1910) – Contribution à une phonétique comparative des dialectes basques (fin). *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 4:1, pp. 65–120.

UNTERMANN, Jürgen (1969) – Lengua gala y lengua ibérica en la Galia Narbonensis. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 12, pp. 99–161.

UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.

UNTERMANN, Jürgen (1994–1995) [1997] – El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. 28–29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], pp. 135–145.

VALLEJO RUIZ, José María (2021) – Sistemas de derivación en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. *Studia Historica. Historia Antigua*. 39, pp. 163–181.

- VAN EYS, Willem J. (1873) – *Dictionnaire basque-français*. Paris: Maisonneuve; London: Williams & Norgate.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991) – *Léxico de inscripciones ibéricas (1976–1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2015) – *Salaeco: un teónimo ibérico*. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. 194, pp. 290–291.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2016) – *Chronica epigraphica iberica XIII (2015)*. *Palaeohispanica*. 16, pp. 343–358.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2021) – La epigrafía paleohispánica sobre láminas de plomo: algunas reflexiones generales. In BARATTA, Giulia, ed. – *Plumbum litteratum. Studia epigraphica Giovanni Mennella oblata*. Roma: Scienze e Lettere, pp. 49–62.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1991) – La Caridad (Caminreal, Teruel). In *La casa urbana hispanorromana (Zaragoza, 16 al 18 de noviembre de 1988)*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 81–129.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) – Las inscripciones de la “casa de Likine”. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 747–772.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – *Toponimia ibérica*. Barcelona: Editorial Sunya.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) – Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. 27, pp. 295–299.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) – *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- YARZA URQUIOLA, Valeriano (2015) – Notas sobre toponimia de origen romano en Bizkaia. *Fontes Linguae Vasconum*. 120, pp. 345–384.